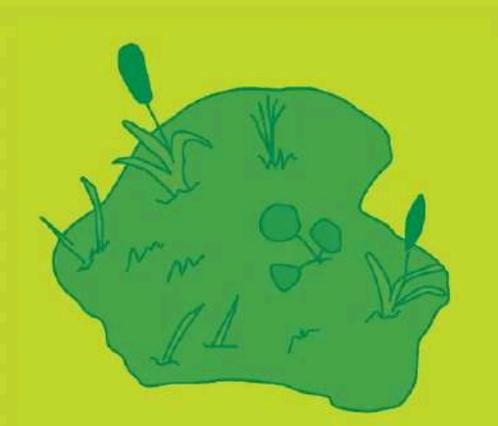


# Cartografia Social do Quipea Quilombo Graúna



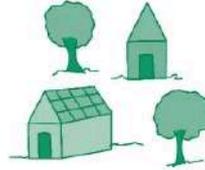
A realização do Quipea é uma medida mitigadora exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Ibama.



O Quipea - Quilombos no Projeto de Educação Ambiental é uma condicionante de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama e realizado pela empresa Shell na região da Bacia de Campos. Desde 2009, o Quipea reúne quilombos certificados pela Fundação Cultural Palmares, atua em oito municípios e abrange 21 comunidades. O projeto está em sua quarta fase, e tem por objetivo fomentar a autonomia das comunidades quilombolas no âmbito do licenciamento ambiental.

Para o cumprimento desse objetivo, há um conjunto de atividades planejadas e realizadas de modo articulado. Entre essas atividades está a Cartografia Social, que busca fomentar, em cada comunidade, processos coletivos e participativos que resultem no maior conhecimento e planejamento dos territórios quilombolas. O fascículo é um dos frutos desse processo. Ao final da publicação, constam maiores detalhes de como isso foi feito e quem colaborou.

# As famílias de Graúna e as terras de doação



Antiga Graúna – Retiro Saudoso

A comunidade quilombola de Graúna está localizada dentro dos limites territoriais do município de Itapemirim, na região sul do estado do Espírito Santo, próximo à divisa com o estado do Rio de Janeiro. Atualmente, está concentrada às margens da rodovia estadual ES-490, no trecho que liga os municípios de Cachoeiro de Itapemirim e Maratáizes e corta o território da comunidade ao meio. A proximidade de outros municípios como Maratáizes e Cachoeiro de Itapemirim, interligados por essa rodovia, torna Graúna um local de passagem obrigatória e intenso tráfego de veículos e pessoas.

Graúna se constitui como o local de moradia e reprodução de mais ou menos 600 famílias, dispostas em núcleos com várias casas próximas e *quintais* compartilhados – *quintal*, como definido pelos próprios moradores, é o espaço de uso comum dos integrantes de núcleos familiares correlacionados, tanto por critérios relativos a parentesco consanguíneo quanto a parentesco via casamentos. Ali as famílias mantêm árvores frutíferas, criam galinhas, e, em alguns casos, cultivam pequenas hortas, com verduras e plantas curativas.

Diz-se que o nome de Graúna faz referência a uma espécie de árvore nativa da região, denominada *braúna*. A derivação foi gerada ao longo da trajetória histórica da comunidade, desde a *antiga Graúna* até a *atual*.

O território da comunidade é definido tanto a partir das atuais configurações e disposições dos núcleos familiares, organizados em ruas transversais e paralelas à rodovia ES-490, quanto a partir de locais que marcam a trajetória da comunidade, representados na memória dos moradores, em especial a dos mais *antigos*. Assim, a *Graúna*

*atual*, em sua manifestação urbana atualizada, se constitui como o desdobramento de processos de deslocamento da comunidade desde seu marco fundamental, que remonta aos tempos em que o paulista Joaquim Marcelino da Silva Lima, intitulado Barão de Itapemirim pelo imperador D. Pedro II, residia na região, na antiga Fazenda Santo Antônio de Muqui, às margens do rio Muqui (ou rio Pequeno).

Os relatos historicamente marcados na memória comunitária indicam que Graúna se originou a partir da doação de terras realizada pelo Barão de Itapemirim; e seu território compreendia, desde as margens do rio Muqui, próximo ao morro do Cupim, onde se localizava o antigo casarão do barão – bem como outras dependências da fazenda, entre elas a antiga senzala –, até a localização atual dos núcleos familiares, que beiram a rodovia.

Nesse processo, as terras doadas teriam sido divididas entre quatro famílias, entendidas como os troncos originários da comunidade: os Ventura, os Rangel, os Leão e os Rocha. As memórias remetem às casas de estuque e sapê, construídas pelas *mãos de todos*, que *sempre se ajudavam*, em meio a uma vegetação fechada, cortada por trilhas formadas pela circulação frequente, em uma época em que as grandes distâncias até os serviços e meios de subsistência eram percorridas por *pés descalços*. Tanto de dia, no *sol quente*, quanto de noite, no *meio da escuridão*.

É comum afirmarem na comunidade que em Graúna *todo mundo é parente*. Os casamentos, tanto entre pessoas de diferentes famílias de dentro da comunidade quanto com pessoas de fora, servem de elos de integração de todos que



Rio Muqui (rio Pequeno)

residem, trabalham e se relacionam no espaço comunitário. A participação na vida coletiva – em festas, nas igrejas, nas escolas – contribui para selar e fortalecer os laços de parentesco enquanto sinais de pertencimento repassados entre gerações.

Os relatos da vida dos tempos antigos, que alcançam, inclusive, o período da escravidão, ainda se mantêm presentes, tanto na memória das pessoas, em histórias narradas, aprendidas e transmitidas por pais e avós, quanto nos vestígios materiais, como as ruínas do antigo casarão do barão, recorrentemente citadas como marco de referência da *antiga Graúna*. Dona Elza Ventura, por exemplo, nos conta do *sobradão alto*, no *alto do morro*, do *tempo do cativoiro*, com as *paredes sujas de sangue e pedaços de corda pendurados*, de quando *pegavam os escravos e amarravam para bater*.

As transformações históricas das configurações do território foram ocorrendo por meio de processos de venda, troca e outras formas de aquisição/expropriação de terras, apropriadas, em sua grande maioria, pela indústria canavieira em ascensão, além de fazendeiros locais emergentes. Esse processo de deslocamento da comunidade de seu local originário se mantém vivo nos relatos dos moradores, que remetem a uma infância de vida dura, de ajuda na roça e nas tarefas domésticas,

mas também de brincadeiras no meio de matas e brejos. A juventude, por sua vez, era marcada pelo trabalho nos canaviais, e no carregamento de toneladas de cana nos caminhões, *sem máquina, tudo no braço*.

Tais memórias remontam à construção de laços coletivos baseados em interrelações entre as *famílias originárias* que demarcam as condições de uso comum do território e seus recursos disponíveis, bem como a interação com pessoas *vindas de fora*, em disposições que configuram processos de permanência e resistência da comunidade no local.

Os processos de constituição desses vínculos comunitários repercutem ainda hoje, inclusive por meio de iniciativas da comunidade junto ao Estado brasileiro que reivindicam o reconhecimento de Graúna como Comunidade Remanescente de Quilombo, segundo uma certificação emitida em 2010 pela Fundação Cultural Palmares (FCP). O desdobramento seguinte será a continuação do processo de reconhecimento e a titulação do território junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de modo a garantir o acesso aos territórios de ocupação tradicional.

## 2 Cartografia Social do Quipea

## Por que Graúna?

"E aí eles falavam assim: 'Graúna... mas por que Graúna?'. Aqui existia uma madeira que chamava braúna. Aí foi e falou assim: 'essa madeira, ela vai gerar o nome desse lugar'. Aí botou braúna. Aí gerou através dessa madeira, que era braúna, aí botou, né, Braúna." **Leonor Ventura (seu Nonô), 77 anos**

## Um sertão assim...

"Eu lembro que assim pro lado de casa tinha um sertão... Eles [dona Muca e os pais] moravam ali naquele sertão! Ali pro lado da usina. Aquilo ali era um sertão. E morou muita gente escrava ali, antigal (...) Era tudo escuro! Naqueles tempos não tinha luz, não! Luz era lamparina... quando tinha lamparina!" **Vera Lúcia Silva da Rocha, 71 anos**

## Uma família só

"A minha avó era moradora aqui do Muqui. Eram cinco irmãs. E dessas cinco irmãs, ela era a mais velha. Ela morreu com 104 anos. E a mãe

dela, que já veio dos escravos, era escravizada. Assim ela falava para nós, que o chefe do barão falou assim: 'no dia que você fizer ano, nós vamos presentear você. Dar um presente a você'. Esse presente que deu para ela foi essa área de terra aqui, que programou. E ali, se tornou uma família só. Através de cinco irmãs, gerou essa família toda. Aqui na Graúna hoje é mais Ventura, tem Cordeiro, tem Guilherme, tem Silva, tem Costa... Mas a família maior que tem gerada aqui dentro, desses quilombolas, é Ventura. A partir da minha avó. Então ali era direito de posse, era uma escritura só, de duzentos e pouco alqueires de terra. Gerou uma escritura só, para todos serem apossados ali em cima e não ter direito de vender, enquanto estivesse vivo e trabalhando. E aquilo ali foi virando uma família só." **Leonor Ventura (seu Nonô), 77 anos**

## Uma parentesa só

"Era minha tia [dona Muca], morava ali! A velha Izabel era mãe dela. Francelino, tocador de violão, era irmão dela, era tio meu! A veia Izabel, gente antiga! Morreu mais ou menos com uns 100 anos! A Muca morreu solteira. A velha Izabel morou ali! Aquele terreno ali era do irmão

dela, o Martino Rangel, que era pai do Arlindo, pai do Isaltino. Eles nasceram tudo aí, meu filho Edith [avó de Badá] morava mais pra cima, mais pra dentro do mato, lá em cima. As casinhas eram mais pra lá, mais lá em cima. Aqui era tudo brejal. Naquela época a lavoura dava muita coisa! Eu plantava milho, feijão, até cana eu plantei. Arroz eu cheguei a plantar numa baixada aí, deu. Meu pai plantava." **Albertino Rangel (tio Pia), 87 anos**

"Aqui, quando gerou várias famílias, quando chegava uma pessoa aqui para namorar com as meninas, eles não deixavam, não. Saía corrido. É por isso que aqui casou parente com parente, primo com primo, fez uma parentesa só. Aí já chegou e entrou outra cor, aí já foi misturando. Aí já saiu um mais 'claro', outro mais 'escuro', outro mais preto. Ali gerou várias famílias. Vamos dizer que você mora aqui, aí casa com alguém lá do Rio de Janeiro, de Campos [dos Goytacazes]: você vai pegar o sobrenome dele. Aí vai gerar duas famílias. Mas aí é todo mundo parente, todo mundo primo. E foi misturando, misturando. Minha mãe era branca e meu pai era moreno, escuro, bem pretão mesmo. A minha mãe era gente dos Valentim, que moram lá em Brejo Grande. Aí gerou Cedira Maria Valentim Ventura. Então, quer dizer: ela pegou o 'pedaço' Ventura do meu pai. E hoje, meus filhos já 'pegam' um pouquinho dela e um pouquinho meu. Aí foi gerando, tudo uma família só." **Leonor Ventura (seu Nonô), 77 anos**

"A minha avó se chamava sinhá Izabel Rangel, morava do outro lado ali, ó! Ela não tinha terreno, não, morava na casa do irmão, chamado Martino Rangel. Aí depois ela morreu, ficou a filha dela, que era Almerinda Rangel, que era tia minha. Tinha Francelino, tocador de violão, também já morreu." **Albertino Rangel (tio Pia), 87 anos**



Antigo casarão do Barão de Itapemirim – Antiga Fazenda Santo Antônio de Muqui, Retiro Saudoso – Acervo Biblioteca Nacional – Victor Frond, 1860

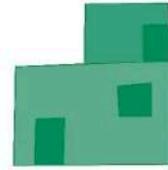
## As quatro famílias das terras de doação

"Por causa do rio surgiu a fazenda ali do barão, o rio Itapemirim, que liga as montanhas à praia. O rio Itapemirim vem do Caparaó [Serra do Caparaó na divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo], vem vindo e trazia no início o ouro, depois veio trazendo o café, e aí depois veio a usina aqui, em 1910, e o açúcar. Mas esse povo tá aí bem antes do açúcar. Eu tive o privilégio, quando eu cheguei aqui, por ser historiador, eu falei: perai, eu tenho que ir atrás disso aí! Aí eu conheci seu Alziro Ventura, patriarca dos Ventura, ele já estava com 97 anos. Dona Rosalina aqui, dos Rangel. Porque são as quatro famílias que receberam as terras. Dos Rocha, também conheci seu Patrocínio, já com seus quase 90 anos. Seu Adriano, que era Rocha também. As quatro famílias são Rangel, Ventura, Rocha e Leão. Os outros vieram por questões de casamentos

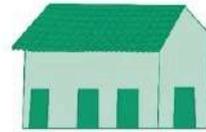
depois, são os campistas. Vieram das fazendas de Campos [dos Goytacazes] para cá. Os Rosa chegam depois. Rosa eram os brancos. Os Rosa chegaram depois que a estrada passou aí e começaram a comprar essas terras na beira da pista aí dos pretos, a troco de banana – aquele lado dele ali, ele pegou tudo dos Ventura. Como o seu Alziro, que vendeu a terra dele a troco de uma mula cega. Aí vão vir os Cordeiro, né, por casamento, os Borges. Aí depois outros viriam após a abolição. Porque aboliu a escravidão em 1888, mas não deram terra, não deram posse pra ninguém. Mas em Graúna tinha terra. A irmã do barão doou as quatro faixas de terra. Ou seja, assentou quatro famílias de escravos domésticos, em 1855. Antes da abolição, então, já havia estas quatro famílias de escravos assentados aqui. Depois viriam para cá outros escravos das fazendas de Campos [dos Goytacazes]. Em 1910, o Estado constrói a Usina Paineiras, aí vai vir uma outra remessa pra trabalhar para a usina. Aí na certidão tem o nome dos quatro que receberam a doação.



Obertina Rangel (Muca)



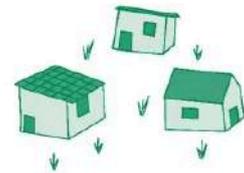
Antiga casa do barão



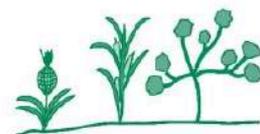
Antiga senzala –  
Morro do Cupim



Casa dos mais antigos (sapê)



Área de ocupação tradicional



Antiga área de roça



Antigo armazém da usina

Esse documento, eu tenho uma cópia dele.” Bruno Sobroza Duarte, ex-diretor da Escola Quilombola de Graúna, 42 anos

## Uma irmandade só

“Antes nós vivíamos, vamos dizer assim, vamos considerar, uma irmandade só! A gente passava por um, por outro, quase não tinha gente estranha na localidade. Um respeitava o outro, ou que seja um irmão, ou que seja um primo, embora que tinha assim gente que caçoava um com o outro, mas, os colegas não levavam a mal. Às vezes era apelido um com o outro, aquela brincadeira. De primeiro, você chegava na casa de um e de outro, podia até bem dizer dormir! Porque a casa tinha confiança de quem era você.” Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos

## Eram chefes porque eram filhos de escravos

“Mas naquela época era assim. A pessoa lutava mesmo. (...) O nome dele [Bilé, bisavô de Badá] era Manoel Crescêncio. A avó dele é Edith. E a bisavó dele era dona Balbina, morava lá para a Vargem [localidade situada em Graúna]. Conheci a mãe de dona Geni, (...) conheci tudo! A bisavó de Maria, Maria Luíza. Que era chefe da Graúna. Dona Geraldina, que era avó de Maria. E dona Maria Luíza, que era bisavó de Maria. Eram chefes. Esses aí eram tudo chefes. Porque eram filhos de escravos, né. Eram gente que vinha de escravo. Aí, eles viam eles como chefes por causa disso. Que são filhos dos mais antigos. Eles eram tudo respeitador. Todo mundo obedecia. Porque eles eram mais velhos. E obedecia mesmo.” Aldenir da Silva Santos, 73 anos



Leonor Ventura (seu Nonô)

“Esses aí eram tudo chefes. Porque eram filhos de escravos. Aí eles viam eles como chefes por causa disso. Que são filhos dos mais antigos.”

Aldenir da Silva Santos, 73 anos

## Os mais novos têm o sangue do quilombo

“A bisavó do meu pai era a mais velha, o pessoal contava que ela foi libertada com 16 anos. Naquele tempo, não tinha quase emprego, era mais assim... roça. Eu mesma já trabalhei na Usina Paineiras a pé! Porque não tinha outro trabalho, tinha que ser ali. Aquele tempo era muito difícil. Então, foi aonde que o pessoal quilombola, filhos do pessoal antigo, foi soltando, foi saindo, entendeu? Minha bisavó era Luíza Paula. E a minha avó era Maria Júlia. Minha bisavó, por parte de mãe, era do quilombo também. A primeira [bisavó] era Cândida Ventura Leão. E depois [avó] era Alícia Cândido Leão. Mas, morreu, acabou... aí só ficaram os mais novos. Mas, os mais novos têm o sangue do quilombo”. Vera Lúcia Silva da Rocha, 71 anos

# Antes e depois da estrada

## essa Graúna aí não era assim



Entrada do quilombo

A Graúna atual se constitui por *quintais* familiares que se estendem por uma paisagem urbanizada, desde as margens da rodovia ES-490, multiplicados em ruas paralelas e transversais. Cada família constituída tem sua própria casa, avizinhada a casas de parentes, geralmente com graus de proximidade variados. Ou seja, pessoas com graus mais próximos de parentesco tendem a morar mais próximas umas das outras. Assim, conforme as casas se sucedem nas ruas, variam também os níveis de parentesco: é comum que casas mais próximas pertençam a pais, irmãos, primos, cunhados etc., ordenadas até um limite presumido entre diferentes famílias, de outro *quintal* e, portanto, pertencentes a outros núcleos familiares.

A atual Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Graúna está posicionada logo na entrada da comunidade, em frente à sua antiga sede, do outro lado da rodovia. A EEEF Graúna se destaca tanto pela estrutura física ampla, renovada e bem-organizada, quanto pelo fato de ser mencionada e apresentada como “escola do quilombo”. Com estrutura curricular direcionada à Educação Escolar Quilombola (EEQ), tem suas atividades centradas tanto na implementação de grades do ensino regular, vinculadas às diretrizes estaduais e nacionais, quanto em projetos permanentes de valorização de elementos culturais que marcam a história da comunidade e suas ancestralidades.

O mesmo ocorre com a creche municipal (CEMEI João Luciano da Rosa), cujas atividades e projetos atendem à população de Graúna e são desenvolvidas com ênfase no ensino da história e da origem de Graúna, enquanto comunidade quilombola.

O campo de futebol, localizado nos fundos da escola, se constitui como outro importante local de formação e reforço de aspectos de pertencimento e identidade da comunidade. Como palco da

realização de jogos e festividades, que envolvem tanto pessoas de Graúna, quanto de outras localidades vizinhas, o espaço marca situações de encontro e troca de experiências, inclusive com outras comunidades quilombolas. Como nos conta o “Tornel”, responsável pela implementação e pela organização do time de futebol de Graúna, desde o treino até a orientação das crianças e adolescentes, é nesse espaço que são reforçados determinados valores coletivos, como a necessidade de respeito e colaboração entre os integrantes do time, valores que devem ser refletidos na vida em comunidade.

A Estratégia Saúde da Família (ESF) de Graúna, próxima à escola, se apresenta como outro marco na paisagem e na vida comunitária. A atual sede da ESF Quilombola Graúna recebeu o nome de Edith Geraldina da Silva, mais conhecida como dona Dainha, uma antiga moradora da comunidade. Em contraste com o antigo posto de saúde, que tinha pouco espaço e funcionava em um terreno doado por dona Dainha, a nova unidade proporciona melhores condições para atender às necessidades de saúde das famílias quilombolas.

Além disso, a comunidade conta com estabelecimentos comerciais e de serviços – mercadinhos, oficinas, entre outros –, bem como de entretenimento, a maioria localizada às margens da rodovia. É o caso, por exemplo, do Bar do Eraldo, ponto de referência para encontros aos fins de semana.

O território da comunidade não se resume a essa área mais urbanizada, entretanto. Há inúmeras estradas que ligam o centro de Graúna a regiões mais rurais e distantes, onde algumas famílias residem e trabalham. A paisagem logo se transforma em cenários configurados por plantações – de abacaxi, mandioca, cana –, bem como em pastagens para criação de gado, que se estendem até a

antiga Graúna, na localidade denominada Retiro Saudoso, aos pés do morro do casarão do Barão de Itapemirim, às margens do rio Muqui.

Estradas refazem o antigo caminho da estrada de ferro, do trem que ligava Cachoeiro de Itapemirim, Vila de Itapemirim e Marataízes, passando pelas terras da Usina Paineiras, até a ponte sobre o rio Muqui, na entrada de um dos antigos armazéns, hoje dentro da propriedade da Agropecuária Carvalho Britto (Apecarb).

Da mesma forma, a antiga pedra de lavar roupa, local de uso comum da comunidade, hoje encoberta por vegetação, serve de local de memória, ligado ao trabalho e às brincadeiras que marcaram o desenvolvimento da convivência coletiva no quilombo. Conta-se que *antigamente* a pedra era banhada por um pequeno rio onde as crianças brincavam enquanto os adultos lavavam roupa. Com o tempo, o rio secou, porém o local ainda é referido como um importante marco da história e da vivência da comunidade.

Segundo seu Nonô (Leonor Ventura), as crianças - e mesmo os adultos - brincavam com a sonoridade que invadia os caminhos antigos, anunciando que o trem estava chegando, entoando a frase: 'café com pão, manteiga não'. Embora nem a estação, nem o trem, nem a caixa d'água existam mais, as pessoas continuam a referenciar suas antigas localizações com os mesmos nomes, fazendo perceber que permanecem bem vivos na memória social.

O trem pertencia à Estrada de Ferro Itapemirim, construída entre 1910 e 1920. O trajeto inaugural ligava a estação da Barra, no porto da Barra do

Itapemirim, à Usina Paineiras e foi aumentado mais tarde, para chegar a Cachoeiro de Itapemirim. Esta via férrea foi extinta em meados dos anos 1960, quando seus trilhos tinham alcançado a praia de Marataízes, depois da Barra.

Os moradores mais *antigos* contam do tempo em que essas áreas, hoje em grande parte tomadas por pastagens, abrigavam o núcleo de casas da *antiga Graúna*. Como nos conta seu Nonô, sobre as casas de sapê e estuque, construídas pelos próprios moradores, nas quais as famílias de Graúna se desenvolveram e foram expandindo.

Dessas casas, porém, restam apenas as memórias, já que foram derrubadas conforme as terras foram sendo vendidas, desocupadas e expropriadas. O mesmo ocorre com a antiga lagoa de uso comum, hoje denominada Lagoa do Geraldo, bem como os antigos locais de caça e coleta de madeira, substituídos por pastos para gado ou para plantação de cana. O acesso ao prédio em ruínas, onde funcionou a primeira escola da comunidade dos tempos da *antiga Graúna*, é atualmente limitado por cercas e porteiras.

O antigo campo de Sapê se materializa como outro local de memória fundamental à trajetória da comunidade. Relata-se que foi nesse campo que, através dos jogos de futebol, o falecido Antônio Minguta Peixoto, o "Joca", ajudou a promover a integração entre *brancos* e *negros*, que antes não se *misturavam*, mas passaram a conviver. O atual campo de futebol de Graúna, onde são realizados jogos e eventos, recebe seu nome, como homenagem e reconhecimento de seus esforços e da importância de suas contribuições à construção da vida comunitária. A fundação desse campo contou com a ativa participação do sr. Valter Matheus de Oliveira, filho de dona Daínya (Edith Geraldina da Silva), reforçando os laços de ajuda mútua da comunidade.

Embora consideradas importantes locais de memória e pontos de origem da comunidade, muitas dessas localidades encontram-se inacessíveis e cercadas por propriedades particulares, em geral pertencentes a fazendeiros e à Usina Paineiras.

Construída na década de 1960, a rodovia estadual ES-490 chegou no período em que a estrada de ferro foi desativada, promovendo a concentração de terra mediante a ação de grileiros, de fazendeiros e da própria usina, à custa de terras tradicionalmente ocupadas pela comunidade quilombola de Graúna. A rodovia marca o início de um processo de crescimento demográfico e adensamento urbano das moradias e quintais, ocasionando profundas transformações e ressignificações de seus modos de ser, criar e viver.



Arte do grafite em frente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Graúna

## Essa Graúna aí não era assim

"Meu pai, Manoel Emiliano, veio de Campos [dos Goytacazes], porque veio uma equipe de gente de lá para trabalhar na estrada de ferro. Era aqui, pro lado de um lugar chamado Muqui. Era um lugar que morou muita gente do tempo do cativoiro, né. A usina comprou aquilo lá. Então, meu pai veio de Campos para trabalhar nessa estrada que estavam preparando, Marataízes-Cachoeiro. Então, era o trem. Não tinha ônibus. Essa Graúna aqui... Quando construiu essa Graúna, eu já era nascida. Só não sei quantos anos estava, mas eu acho que já estava ficando mocinha nova. Quando começou a fazer essa estrada aí. Não tinha essa estrada. Essa Graúna aí não era assim. Para a gente ir para lá, para pegar o trem, para poder ir para a Vila, Paineiras, Cachoeiro, a gente tinha que sair de madrugada, porque o trem passava cedo. Bem cedo. Se perdesse, não tinha mais. Aí com um certo tempo que abriram essa estrada, Cachoeiro-Marataízes. A gente ia à festa, da praia a gente ia a pé. Em Marataízes ia a pé. Saía cedo, ia a

pé para assistir a festa. E ficava lá o dia todo. Quando a gente voltava... Vinha a pé novamente. E não tinha ônibus, não tinha nada. Aí, depois que foi fazendo essa estrada, aí já passava um onibuzinho, um carrinho. Mas o seguinte: depois que construiu essa cidade aqui, de Graúna, lá para lá, onde era Retiro, fechou tudo. Virou roça, pessoal vendeu. Mas era bom. O campo de futebol, tudo pra lá. E esse lugar chamado Muqui, antes de a gente chegar lá, tinha um sobrado, um sobradão no alto do morro. E aquele sobrado a gente ia pescar... Uma porção de moçada para pescar. E pessoas de idade, né. Aí, a gente passava lá. Tinha um brejo fundo. Falavam que aquele brejo era muito fundo, se caísse ali ninguém saía... Não sei que fim deu esse brejo, porque nunca fui para lá mais."

Elza Ventura, 72 anos

## Ruínas dos tempos do cativoiro

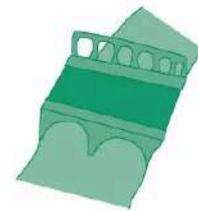
"A gente passava num sobradão. A gente via chicote pendurado na parede. A usina comprou, já estava desmanchando algumas partes desse sobradão alto. Esse sobradão,



Bar do Eraldo



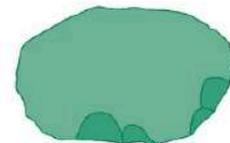
Antiga escola



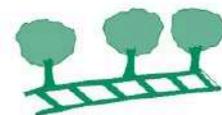
Ponte sobre o rio Muqui



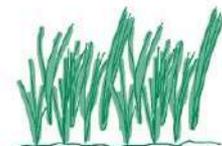
Bar do Eraldo



Antiga pedra de lavar roupa



Antigo trilho do trem



Antigo campo de sapê



Panorama da **Vargem**, área de várzea nas terras de uso e ocupação tradicional do quilombo

do tempo do cativo, né. Então a gente passava com medo, né. Que a gente via as paredes sujas de sangue. Via aquele pau alto, com uma forquilha. A gente via uns pedaços de corda pendurados, que parece que, quando eles pegavam os escravos, eles amarravam para bater.”  
**Elza Ventura, 72 anos**

## A grande riqueza do Espírito Santo

“Quando a gente está falando do oitavo e do nono ano, a gente consegue inserir Graúna na história local. Por exemplo: a vinda da família real portuguesa para o Brasil interfere diretamente aqui na nossa comunidade. Porque eles vão abrir a guerra santa contra os indígenas, e forçam a vinda de posseiros para cá, para tomar conta dessas terras, para expulsar os indígenas. Então, na Lei de Terras de 1850, como é que eles vão demarcar as terras dos posseiros/fazendeiros? Eles chegavam na fazenda do cara e falavam: ‘vai até onde suas terras?’ O cara chegava e falava: ‘do pé daquela montanha lá até a ilha ali de Itaputera’. Aconteceu

isso com o Barão de Itapemirim, que as suas terras iam desde Alegre, até a ilha ali na Boca da Barra do rio Itapemirim, Ilha Itaputera. Itapemirim foi o município aqui do Espírito Santo que mais recebeu escravizados, primeiro para o açúcar e depois para o café. A grande riqueza do Espírito Santo estava em Itapemirim. Por exemplo, a dona Tomázia e o Barão de Itapemirim, que era o genro dela, juntos eles possuíam quase 500 escravos, que era mais do que toda a Vitória.”  
**Lucas da Silva Machado, professor da EEEF Graúna, 35 anos**

## O trabalho fora e o retorno

“A gente toda vida nasceu e viveu aqui em Graúna. Embora a gente tenha morado fora, pra cidade grande, nós nascemos e nos criamos aqui mesmo em Graúna. Eu morei em Marechal [Marechal Hermes, Rio de Janeiro, RJ], eu tenho parente em Belford Roxo [Rio de Janeiro, RJ], eu tenho parente em Realengo [Rio de Janeiro, RJ], lá em Cidade de Deus [Rio de Janeiro, RJ]. Eu vim embora mesmo porque minha mãe me mandava

carta, uma em cima da outra! E eu respeitava aquilo. Nessa época a gente respeitava as nossas mães. Eu vim de lá em 71 [1971]. Eu fui em 69 [1969], mas já tinha outras pessoas que foram para lá há mais tempo, entendeu?”

**Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## Tinha fartura

“Aqui melhorou o acesso às coisas. Energia, lá [antiga Graúna] não tinha energia. Lá não tinha água encanada. Em compensação, tinha água mineral, e ela está lá até hoje. Eu era mais feliz morando lá do que aqui. Porque quando a gente morava lá parecia que a coisa era melhor, não sei. Quando vinha pra igreja, era aquela turmada. Era umas trinta pessoas estrada afora, naquela escuridão, e não tinha medo de nada. Ainda tem isso, de primeiro também não tinha essa violência de hoje. A diferença de lá pra cá também é nas condições de vida. Lá se tinha acesso natural. Lá se podia plantar, lá tinha fartura, aqui não tem fartura. Lá a gente sempre trabalhou e sempre também plantou. E aqui não tem espaço pra plantar.”  
**Paulo César Souza de Oliveira, 49 anos**

## Casa de estuque

“Cavava o buraco no barro, né. Ai aquele monte de homem batendo com o pé no barro, pegava com a mão, ia amassando e prensando na armação de bambu, com pau, e ia prensando o barro, pra fazer a parede. Meu pai mesmo era vezeiro de fazer casa de barro assim. Muita gente ajudava, diziam assim que iam fazer uma *tapera*.”  
**Walter Leão (seu Leão), 62 anos**

“Nós também moramos muito em casa de estuque. Casa *embarreada*. Papai cortava aquelas varas no meio

do mato, varinha para fazer a casa envarada, e nós ajudávamos a embarrear. Fazíamos o barro e embarreava. Casa de sapê. Com cipó... Antigamente, aqui todo mundo tinha casa de cipó. Era casa tapada de taboa e tapada de sapê. Depois disso que veio esse plano do governo [projeto de habitação popular], que mudou. Fez uma casinha de telha, era de estuque, mas era de telha. Aí depois foi melhorando. Foi fazendo de tijolo, tapava de telha. Aí depois fazia de laje. Que na Graúna você podia contar as casinhas que tinha antigamente.”  
**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Tio Anóia fazia caixão de tábua

“Quando minha irmã morreu, papai foi levar o enterro lá na Vila [de Itapeiririm], [era] minha irmã mais velha. Naquela época não tinha carro, não, levava nas costas, cargueiro. Quando a turma morria, levava de cargueiro. Tio Anóia que fazia o caixão. Fazia muito caixão de tábua. Ficava a noite inteira fazendo aqueles caixões. Aí lixava, forrava, comprava um pano roxo lá na Vila, aí forrava os caixões. Aí, botava as pessoas para enterrar.”  
**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Era um caminhozinho

“Hoje é mais facilidade. A condução bem dizer passa na porta. Aqui agora tem um posto de gasolina, as ruas asfaltadas. Não tinha nada disso de primeiro não. De primeiro, até os pais dela [dona Luzinete], para trabalhar era um caminhozinho que quase que dava pra passar só uma cobra, somente. Eu andava de pé, comadre! De lá onde você foi [tio Pia], de lá para cá, para estudar. Comia goiaba pelo meio do caminho, comia os aracás. Nem sandália para a pessoa ir



Antiga pedra de lavar roupa, atualmente encoberta por vegetação

[tinha], a gente ia descalço, pisando no espinho.” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## O nosso quilombo é louco pelo futebol

“Minha família é a família Fraga. Meu pai era da família Peixoto, de Campos [dos Goytacazes], meu pai é campista. Ele fundou, ele cavou o campo. Porque a gente vê o campo bonito assim, mas não sabe o que passou na transição ali. Meu pai era assim, é o que Badá falou, meu pai brigava por todo mundo. Porque antigamente tinha muita essa divisão aqui na nossa comunidade: ‘ah é preto! Ah é branco!’ Meu pai não tinha isso. Meu pai falava assim: ‘ó, meus jogadores são pretos e têm que ser tratados todos iguais’. E o meu pai tinha aquele carinho, aquela loucura, ele se matava, ele se doava pelo time! Pelo campo. Ele cavava. Saía da usina, que ele trabalhava na usina, e ia direto pro campo cavar lá, por isso o campo é o nome dele: Antônio Minguta Peixoto [Joca]. O nosso quilombo é louco pelo futebol.”  
**Rosivania Fraga Peixoto, 37 anos**

## Terras de Graúna

“Quando eu alcancei os quilombolas, os mais velhos já tinham morrido, né. Mas ainda alcancei alguma gente. A [área de terra] quilombola era grande, muito grande! (...) Teve um dos quilombolas, dos mais novos, Silvinho, que apanhou uma briga com a usina, dizendo que o terreno da Graúna atingia as terras da usina, lá no Oeste. Entraram numa briga. Aí o engenheiro pediu ao cartório para fazer um levantamento. Por uma sorte do cartório, o meu pai ia passando. Eram conhecidos, conhecidos velhos! Aí disse assim: ‘a usina mandou eu fazer um levantamento, e eu não sei o que eu faço!’ Aí meu pai falou: ‘nós vamos fazer!’ E meu pai foi dizendo... Saindo da Vila a Lancha, dividindo com Fazenda Cutia; Fazenda Cutia dividindo com Fazenda Muqui; Fazenda Muqui dividia com Fazenda Bela Vista; Fazenda Bela Vista dividia com Serafim; Serafim dividia com seu Manoel de Graúna; seu Manoel de Graúna dividia com Retiro Saudoso; Retiro Saudoso dividia com Usina Paineira. E terminou lá.” **José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos**

"A Graúna partia do rio Itapemirim. Mas naquele tempo a usina era do Estado. Em 56 [1956], o Estado vendeu para o usineiro. O Estado passou a mão. Do rio Muqui pra lá, o Estado apanhou. Então, a Graúna ficou pertencendo do rio pra cá. A Graúna, meu pai dizia, quando descobriu lá o levantamento, que a Graúna tinha uma légua quadrada. Aí ela atravessa o asfalto e vai à divisa lá de Nova Canaã [Cariacica]. Vai até aqueles matos lá pra cima. É grande, é grande mesmo!" **José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos**

## A usina tomou conta

"Do lado de lá chamava Alto do Curral, lá onde a usina 'panhou, né, o quilombola fica pro lado de lá. Era Nelson Borges, comadre Abé... lá chamava brejo do Maricá, porque tinha muito Maricá [uma árvore que dá

muito espinho]. Chama Alto do Curral porque tinha muito pasto, muito boi, muito curral. Aí a usina tomou conta, e os quilombolas, tadinhos, foram embora. Aí botou capanga pra lá, pra tudo quanto é lado, aí... Foi entrando, entrando, entrando." **Leonor Ventura (seu Nonô), 77 anos**

"Os meus avós, a gente não morava aqui antigamente, morava em Canaã, esse terreno foi trocado. Eu sou nascido aqui, e vivo aqui até hoje. Eu no registro estou com 73 anos. Antigamente, era casa de sapê, quando o terreno era do Estado. Então a usina, quando apanhou isso aí, eles chegavam com os jagunços deles, botava tudo para fora. Se não saísse, queimava a casa. Se a pessoa não quisesse sair, eles queimavam a casa." **Antônio da Costa Rufino (seu Tim), 73 anos**

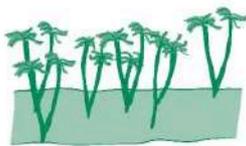
## Um lugar encantador

"Anexo ao colégio [antiga escola de ensino primário] havia a pré-escola, ainda existem ruínas da mesma, foi muito importante para a educação dos primeiros moradores de Graúna. Era muito bom, tinha vida em contato direto com a natureza, um lugar encantador que hoje, infelizmente, está abandonado, com algumas terras com roça de cana-de-açúcar e abacaxi. Próximo ao colégio e ao pré, havia um campinho de areia, onde os jogos eram muito animados. Logo acima havia a casa de João Rodovalho e dona Maria, já falecidos, também dona Didinha, e o chamado arruamento de casas de estuque (...), a casa do sr. Elton, acima sr. José Maurício e família (...), mais acima do morro morava a dona Jacimina." **Jucimara Rodovalho de Oliveira Rangel, 42 anos**



Antiga escola de ensino primário, nas terras da antiga Graúna

# O trabalho e a lida no campo



Plantação de mandioca

Em Graúna, o trabalho duro é valorizado como marca de identidade da comunidade, desde os tempos *antigos*. A memória coletiva é repleta de histórias sobre a época em que as pessoas se revezavam entre o trabalho nas próprias roças, para produzir a comida da família, e o serviço vendido às colheitas de cana, nas terras da Usina Paineiras.

As plantações de mandioca eram um dos principais meios de sustento e subsistência das famílias, que costumavam se reunir nas antigas casas de farinha, espalhadas pela comunidade, para produzir farinha, beiju e outros derivados. Além de servir para o consumo próprio, parte da produção era vendida como alimento para gado e para abastecer mercados e indústrias da região.

O trabalho nos canaviais é relatado como uma fonte fundamental de renda familiar. O processo, desde o plantio até a colheita da cana, realizado ao longo de seis meses consecutivos, envolvia homens e mulheres, de diversas idades, que se dedicavam a cumprir as *tarefas* contratadas. Desde a ação dos *moceiros*, que juntavam e buscavam pessoas (geralmente mais novas, “moças” e “moços”) na comunidade para trabalhar nos canaviais; até o corte, feito em lotes – “braças” –, com pagamento proporcional à quantidade colhida e ao tamanho da área trabalhada por cada um.

Além disso, após o cumprimento das *tarefas* nos canaviais, os trabalhadores recebiam “vales” que deveriam ser trocados por mercadorias nos dois armazéns pertencentes à Usina Paineiras. Segundo os relatos, as grandes distâncias entre os armazéns e a comunidade eram regularmente percorridas a pé por adultos, jovens e crianças, que voltavam para casa com quantidades de

mercadoria que serviam para cobrir as necessidades da família “por semana”, variando de acordo com o tamanho e o número de pessoas empregadas em cada núcleo familiar.

Segundo seu Nonô (Leonor Ventura), que, quando jovem, trabalhou nos canaviais e mais tarde tornou-se *moceiro*, do plantio até a colheita, era tudo feito à mão, não tinha máquina. Toneladas de cana eram cortadas e carregadas nas costas até os caminhões, tudo no braço.

Dona Elza Ventura também conta que trabalhavam todos juntos, mulheres e homens, sendo que ela conseguia trabalhar bastante e ganhava preço de homem. E que, depois de terminar sua tarefa, ainda ia ajudar sua prima Tatá (Natalina Ventura Brandão) a cumprir a dela, para que pudesse receber pelo dia e não tivesse que deixar para o dia seguinte.

Atualmente, grande parte da comunidade ainda se relaciona com a indústria canavieira, principalmente por meio de arrendamentos de terras – acordado entre moradores de Graúna, entre moradores e pessoas de localidades próximas e entre moradores e representantes da usina – para o plantio e o fornecimento de cana para a Usina Paineiras, ainda presente e muito influente na região. Isso porque ainda hoje as terras pertencentes à usina estão localizadas no território referido como a *antiga Graúna*. Há, entretanto, um processo crescente de substituição dessas terras por terrenos arrendados em contratos de terceirização, o que resulta na venda dessas terras para fazendeiros e outras iniciativas privadas, inclusive compradores particulares. Os trabalhos ligados à criação de gado e a outras atividades em fazendas da região também são recorrentes.



Bananeiras, no quintal de Albertino Rangel (tio Pia)

Nesse cenário tem se tornado cada vez mais comum, entre os moradores de Graúna, a busca por oportunidades de emprego em outras cidades da região sul do Espírito Santo, como Cachoeiro de Itapemirim, Itapemirim e Marataízes, além de trabalhos em plataformas de petróleo, principalmente, na Bacia de Campos. Porém, isso não significa que antigas tradições de cultivo de roça e criatório doméstico de animais tenham sido abandonadas.

Em cada quintal familiar de Graúna é comum encontrar criações de galinhas, roças de mandioca e feijão, e em alguns casos, plantações de abacaxi destinadas a venda. Árvores frutíferas – mangueiras, jaqueiras, bananeiras – também estão presentes nos terrenos entre as casas, bem como pequenos volumes d'água, próximos às diversas nascentes e cacimbas espalhadas pela comunidade, onde alguns moradores mantêm criações de peixes.

Além disso, a pesca – fonte de subsistência desde a *antiga Graúna* – ainda é realizada em vários pontos do território da comunidade, tanto nos brejos – considerados formações naturais – quanto em *valas* – diferenciadas por terem sido “artificialmente” cavadas. Alguns costumavam pescar com *anzol e linha*, como o sr. Antônio da Costa Rufino, seu Tim, que até hoje ainda pesca. Outros moradores dizem preferir outras técnicas e outros equipamentos, como o *juquiá*, e até mesmo pescar com as próprias mãos. Entre as espécies pescadas há tilápia, traíra, morubá e também camarão. A pesca de camarão-pitu em lagoas e rios, por meio das armadilhas munzuás, desempenha um papel importante na subsistência e na economia da

comunidade. A venda dos camarões-pitu costumava ser realizada na rodovia, em barracões próximas a um quebra-molas em frente à escola local. Para preservar e estocar os peixes, os quilombolas adotavam técnicas tradicionais de conservação. Após a pescaria, os peixes eram salgados. No passado, a pesca no mar, com a utilização de redes, também era uma importante fonte de sustento e renda.

Entretanto os moradores relatam uma diminuição na atividade, bem como na produção de equipamentos e outros elementos ligados à pesca, cujos saberes tradicionais se restringem a algumas famílias e pessoas, como seu Tim e seu Paulo César. Relata-se, inclusive, que muito dessa transformação, movida também pela influência de interesses geracionais, se deu em função do cercamento de muitas áreas antes utilizadas para a pesca, como a Lagoa do Geraldo, entre outras, e brejos, atualmente localizados em terrenos particulares pertencentes a pessoas de fora da comunidade, a fazendeiros e à usina.

A própria escola da comunidade também se apresenta como uma fonte de emprego e renda, principalmente aos mais jovens, assim como a creche municipal, que tem seu quadro de professores todo constituído por moradores de Graúna. O futebol, além de recreativo social, também é considerado um importante nicho de trabalho, principalmente para jovens meninos, que em geral iniciam no projeto do time, ainda na escola, e em seguida são encaminhados a recrutamentos e “peneiras” de times da região, até mesmo de outros estados do país. É o caso do filho de Elivanis Paulo (Badá), Riquelme Costa, que hoje atua na divisão sub-20 do campeonato mineiro e tem sua fotografia estampada na entrada da escola, junto às imagens de outras pessoas negras consideradas de grande influência, motivo de orgulho para a comunidade.

As narrativas sobre o passado valorizam a lida no campo, ainda que reconhecendo as condições extremamente difíceis e exaustivas experienciadas pelos antepassados. O povo de Graúna comenta que, mesmo na dureza da enxada, da foice, do corte de cana, nos plantios das roças familiares; mesmo trilhando caminhozinhos estreitos, enfrentando espinhos e serpentes; mesmo nas pescarias nos brejos e rios de outrora (muitos dos quais se tornaram inacessíveis); a alegria e a solidariedade expressa na ajuda mútua constituem valores da formação social do quilombo de Graúna.



Munzuás: armadilhas para pesca, feitas artesanalmente

**“Mulher fazia praticamente a mesma coisa que homem fazia: cortava cana, homem cortava cana, eu mesma cortei cana. Arrastava três ruas de cana. Pegava tarefa, 120 ‘braças’ de tarefa.”**

**Elza Ventura, 72 anos**

## Eu ganhava preço de homem!

“Mulher fazia praticamente a mesma coisa que homem fazia: cortava cana, homem cortava cana, eu mesma cortei cana. Arrastava três ruas de cana. Pegava tarefa, 120 ‘braças’ de tarefa. Ai, quando era 13 horas, já estava com as minhas 120 ‘braças’ de tarefa tiradas, ia ajudar a minha prima, que mora ali, a dona Tatá. Ainda ia ajudar ela. Arrastando três ruas de cana! Batendo mesmo! Eu ganhava preço de homem! Entendeu? O mesmo preço que era do homem era meu. Eu me esforçava muito para trabalhar, graças a Deus.” **Elza Ventura, 72 anos**

“Todos nós passamos dificuldade nesses tempos [passados]. Era casinha de terra *embarreada* com a mão, né. Os antigos trabalhavam no campo, dia a dia, passavam um sufoco que às vezes nem caminho tinha para trabalhar. Ai alguns trabalhavam na Usina Paineira. Outros às vezes tinham um pedacinho de terra, né, faziam uma rocinha, plantavam um pezinho de mandioca, era um pezinho de milho, era algum pezinho de

feijão, era assim para levar a vida.” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

“Eu, como o irmão mais novo... Eles saíam pra usina para cortar cana pro lado de 3 horas da manhã. Quando dava 5 horas eu tinha que acordar pra levar almoço pro meu pai e pros meus irmãos. Ai tinha gente por aqui que, quando não tinha ninguém para levar, eu saía catando, para levar o almoço deles. Lá pra Baixa de Pedra, até na Barra Seca eu já fui, antes da Usina Paineira. Ia de pé, descalço.” **Clemildo da Costa (Tornel), 48 anos**

## A gente lutava muito

“Rapaz, quando a gente era mais nova, a gente batia esse mundo de Deus ai, carregando lenha na cabeça, cortando. Nós lutamos muito... trabalhava para sobreviver também, pra ajudar, né. Muita mulher, não era só nós não, todo mundo. A mãe dele [de Badá], a tia, todo mundo cortava cana. A gente vivia nisso, cortando cana, capinando, cortava da usina, cortava de fornecedor [fazendeiros que vendiam cana para a usina]. Assim, pegava empreitada e a gente trabalhava com eles. Inclusive tem o Manoel Ventura, que mora ali, eles também sabem da história. Manoel Ventura, Irena, eles tudo sabe. (...) Dormia em cama de cavalete, dormia em cama de esteira, cortava *taboa* no meio do mato pra fazer esteira e paina pra fazer traveseiro. Isso tudo nós já passamos, essas lutas todas. A gente criava animal, papai cuidava muito de animal. A gente cuidava. Inclusive eu nem estudava, porque a gente ficava às voltas com animal, tomando conta de animal. Era porco, galinha... Era tudo. Ir à aula aqui antigamente era muito longe. Lá para as bandas do [morro do]

Amendoim. Para aqueles cantos para lá, perto da Vargem, para lá. A gente não podia ir pra escola lá, onde era o Zé Rosa, antigamente. Aí ficava em casa, tomando conta da casa, tomando conta das coisas... que meu pai trabalhava na usina. Aí a gente lutava. Cuidando de casa, fazendo as coisas, apanhando lenha longe. Trazia lenha na cabeça! Lá em Paineiras [usina], Nova Vitória, Apecarb... Nós andávamos isso tudo aí procurando lenha. Para lá da usina também, ia pra lá para além. E com isso a gente não estudava. Inclusive meu pai até doou esse terreno, para a escola velha. Doou para dar para Thomé Machado, para poder fazer uma escola, por causa das crianças (...), para quando tivesse os netos também, para estudar pertinho, né. Para não ficar tão para longe. Meu pai lutou muito, tadinho, para cuidar de nós.”

**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## A gente mora na roça, de cada coisa a gente sabe um pouco

“A gente na roça plantava milho, quando dava plantava um feijãozinho, mandioca, e mais a cana, cana para a usina. Mandioca, chegava gente para comprar para boi, para fazer farinha. Eu torrava sacos de farinha! Gostava um bocado. Minha mãe tinha [casa de farinha]. Eu puxava a roda! Naquele tempo era na base de puxar. Homem, mulher, tudo. Eu puxava a roda com ele ali... Número um na roda! Acompanhava ele! Ele num lado, num veio, e eu no outro. Num veio, num outro, passa na base, vai com a mão, troca a mão, leva essa, troca essa: acabava um cesto de mandioca. Minha mãe que ia trabalhando no rodete. Cevadeira. E nós vínhamos na roda. Gostava. Aquele cestão. Acabava aquele, enchia outro, botava lá. Era só família. Tinha vezes que minha mãe dava para as pessoas de fora vir fazer. E aí fazia farinha, fazia beiju. Eu, para fazer beiju, também eu sou número um!

Fazer beiju, tapioca. A gente mora na roça, de cada coisa a gente sabe um pouco.”

**Elza Ventura, 72 anos**

## Nós somos criados no pilão

“Eles plantavam pra ver se tirava algum arroz... Amendoim, colorau, fubá, tudo no pilão. E eu ainda peguei isso. Eu era moleque, e eu sou de 76 [1976]. Imagina meus avós, minha mãe, nós somos criados no pilão.”

**Elivanis Paulo (Badá), 46 anos**

“Eu tenho um pilão! Esse pilão era da minha avó, do tempo que ela ainda era criança! Eu não alcancei esse tempo. Esse pilão é mais velho do que eu. Quando eu nasci, já encontrei o pilão, e eu já estou com 71 anos!”

**Vera Lúcia da Silva Rocha, 71 anos**

## Vendedor de abacaxi

“Tem pessoas que trabalham na usina, mas na parte industrial, lá dentro mesmo. A maior parte também está desempregada. Tem a olaria, que também emprega muitas pessoas. Têm duas padarias, um supermercado, um mercado, e tem uma cantina que é um mercadinho também. Agora tem uma distribuidora de bebidas. Temos o posto de gasolina aqui em cima. No começo trabalhavam duas pessoas daqui lá, mas hoje não trabalha mais ninguém daqui. Tem também os pedreiros, pintor. Mais pedreiros do que pintores. Tem diaristas, empregadas domésticas. Meu pai trabalha como vigia da creche e minha mãe é dona de casa. Meus irmãos, dois trabalham na olaria. Um tio meu trabalha como vigia, fora da comunidade. Muitas pessoas aqui também trabalham como vendedor de abacaxi na pista. Algumas pessoas, meu primo mesmo,



Brejo nos fundos do quintal de Antônio da Costa Rufino (seu Tim)

pegava abacaxi daqui de Marataízes [Espírito Santo] e ia lá pra Seropédica [Rio de Janeiro] pra vender, também tem isso.” **Josias Silva dos Anjos de Oliveira, 25 anos**

## Trabalhar para ajudar em casa

“Nós morávamos lá na Bela Vista. Lá naquela casa onde tem a castanheira, lá longe. Éramos eu e mais sete irmãos, minha mãe e meu pai, mais a minha tia e mais quatro filhos, 15 pessoas moravam naquela casa. (...) A gente, quando trabalhava na usina, a gente pegava o carro lá embaixo às 3 horas da manhã, pra sair lá pra cima... Duas Barras, Cachoeiro, lá pra cima. E chegava em casa, de volta do trabalho, a gente chegava era mais de 7 horas da noite. Então a gente, muitas vezes, passava por uma luta difícil. Botava aquele cacho de banana verde e ensopava até para comer. Não tinha outra coisa. Folha de batata a gente comia que

nem couve. Eu pescava muito de mão, nas ocas, embaixo do mato, pegava camarão, pegava jundiá, amarelão, aquelas caraças azulzinhas. Tinha vez que eu levava um cambô de peixe pra casa! Quando não era de mão, era de anzol. E ela [a mãe] ficava muito alegre! Minha mãe enfrentava muito isso, pescava de peneira na lagoa, pegava bastante peixe na lagoa [do Geraldo], lá muita gente pescava, dava muito peixe ali! Meu primeiro contato na usina eu comecei trabalhando por fora, informal, né, com 13 anos. Com 15 anos eu contratei na usina, eu e meus dois irmãos, tinha que trabalhar para ajudar em casa. Então, tinha um período em que a gente estava cortando cana, e tinha um período em que a gente ia pescar, pra trazer o alimento pra casa. E tinha, também, o meu falecido vô João Souza, ele plantava muita roça! Era feijão, milho, inhame, batata, laranja... Era muita fartura lá embaixo! Lá embaixo [na antiga Graúna], eu vou te falar a verdade, foi o período melhor da minha vida, lá embaixo. Não que aqui seja ruim, mas

era melhor. Aquela fartura! Era difícil, mas era bom demais lá!” **Paulo César Souza de Oliveira, 49 anos**

## Tinha peixe demais!

“Tinha peixe demais! Era traíra, era morubá, era aquelas piabazinhas, tinha tilápia também. A turma gostava mesmo. Pescava de rede, de anzol, de juquiá. De primeiro a gente criava muito porco, comia aquele toucinho, então era tudo de casa, com a ração que a gente criava. Hoje em dia a gente compra, mas não é a mesma coisa. A galera hoje pesca muito esse tal de bagre africano, nesses brejos aí tem. Tem os da água doce e tem os do mar. Eu tenho uns parentes que pescaram mais de uns 100 quilos aí, para vender para o estado do Rio [de Janeiro]. Por aí nesses brejos, nessas valas que tem aí, tem muito.” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**



Plantação de abacaxi



Rosalvo da Silva Campos (Kelly) mostrando o maracujá cultivado na sua roça

**“Tinha peixe demais! Era traíra, era morubá, era aquelas piabazinhas, tinha tilápia também. A turma gostava mesmo. Pescava de rede, de anzol, de juquiá.”**

**Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

“Lá na casa onde a gente morava, nós pegávamos peixe beirando a porta. Eu cheguei a pegar peixe beirando a porta: jundiá, morubá, traíra, saiu. Não tem aquela valinha, tem até hoje... Aquela valinha ali, de primeiro era tudo limpinho, e ela enchia de água, e a água vinha até na beira da porta, entendeu? E às vezes você via, a gente tinha peneira, tinha essas coisas, e vinha os peixes, a água clarinha!” **Paulo César Souza de Oliveira, 49 anos**

“Eu sempre pesquei, assim, camarão, né? Quando eu podia pescar, agora eu não pesco mais. Mas eu gosto de uma pescaria, mas não está dando. O meu pai cuidava muito era de lavoura. De mandioca, e de abacaxi. Um certo tempo eu mexia com lavoura de abacaxi também, meus irmãos saíam para vender no Rio de Janeiro, e eu ficava assim na roça, e os camaradas trabalhando. Quando eu estava mais novo, eu trabalhava e ia pescar à noite, passava a noite toda pescando. Dava muito [camarão] neste rio aqui [Muqui]. Eu pescava muito na Apercarb. No rio Grande [rio Itapemirim] também. A gente

vendia em Marataízes. A gente ia de bicicleta. Nós pescávamos camarão e vendíamos lá naquela ponte do rio Muqui. Aí passaram a vender aqui no quebra-molas em Graúna, aí acabou lá. Foi até bom que agora a gente vende camarão aqui também. Aqui na beira da estrada.” **Antônio da Costa Rufino (seu Tim), 73 anos**

## Acabou com a lagoa, agora é pasto

“Olha, gostei muito [de pescar]. Gostei, não: gosto! Mas é assim, para uso [consumo da casa]. Hoje, pode-se dizer que peixe está muito difícil. Se você quiser comer um peixinho, tem que ter um criadouro. Eu tenho dois poços pequenos, meus, só para criar. Porque na época [antiga] a gente saía daqui ia lá no rio, tinha uma lagoa que eu e de fora [usavam] e que hoje não tem mais, é pasto, aonde nós pescávamos. Acabou com a lagoa que tinha, agora é pasto. Meus pais, mais a minha mãe [diziam]: ‘ó, fica vocês aí que eu vou lá buscar uns peixes para a gente comer daqui a pouco’. E ia e trazia mesmo! [Pescavam] de peneira, uns de juquiá. Minha mãe pescava muito com isso, juquiá, peneira.” **Heraldo Ventura da Silva (mestre Heraldo), 65 anos**

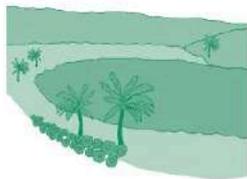
“Eu conheci lá como fazenda do Geraldo Mezer. Chamava lá a Vargem, né. Era a principal fonte de alimento [a lagoa deste lugar], pescava tilápia, morubá, traíra, mas o mais difícil de pegar era a traíra, se a gente pescava de mão, aí tinha uma traíra que estava na oca. Nós gostávamos de pegar o tal do jundiá, pegava muito. Pegava vinte, trinta jundiás de mão. A gente fazia buraco para procurar, botava as cataias, prendia a respiração deles, só vinha



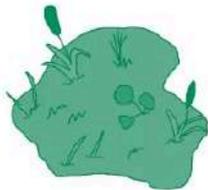
Área de pesca



Cacimbas



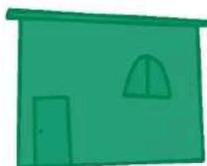
Lagoa do Siri



Brejo



Antiga lagoa do seu Geraldo



Antiga casa de farinha

colhendo. Rapaz, uma vez eu botei a mão no rabo de uma traíra, ela veio na flor d'água, depois que eu tirei a cataia ela deu duas dentadas, uma aqui, outra aqui, nós não sabíamos que tinha traíra choca, porque ela estava choca. [Se ela estiver choca,] ela fica muito brava. Morde e vem na flor d'água." **Clemildo da Costa (Tornel), 48 anos**

## O que tiver a gente vai apanhando

"O trabalho da gente aqui, não se pode dizer que é assim um trabalho fixo, uma coisa só, né. Então diverge muito: é embarque de abacaxi, corte de cana, o que tiver a gente vai apanhando. Sempre foi assim. Foi aí aonde que eu trabalhei bastante também em casa de farinha. Lá em cima, lá em casa de seu Tião, eu trabalhei muito lá em cima." **Paulo César Souza Oliveira, 49 anos**

"Mexia com cana-de-açúcar [a família de seu Juca]. Acabava a cana, mexia com madeira: lenha pra estrada de ferro. Então, quando acabava a moagem, nós íamos para a lenha, era madeira para serrar... Cachoeiro de Itapemirim estava começando e tinha muita serraria. E aqui tinha muito serviço. Nós tínhamos boi, boi de carro [carro de boi]. Eu, por exemplo, puxei muita cana nesse carro, e lenha pra estrada de ferro, parava uma, entrava a outra. O trem parou, a estrada aqui saiu, e acabou com o trem! Eu trabalhava para a usina, fazendo carro de boi. Fazia novinhas as rodas! Dei muito duro!" **José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos**

## Sempre trabalhamos em família

"Sempre trabalhamos [com lavoura]. Sempre trabalhamos com cana, plantava, a gente colhia e mandava para a usina. (...) A gente só vendeu uma parte [de terra], em que a gente colhia. A convivência aqui era cana... Abacaxi que nós plantávamos... E colhia algumas coisas para a família. Plantações menores, abóbora... De tudo se colhia. Criação pequena. Porco, galinha, pato, peru... Sempre nós comemos. Nós sempre trabalhamos em família. Hoje sempre faço uma roça. Pouca, mas eu faço. Uma *moitinha* de cana, uma *moitinha* de abacaxi. Sempre tem que ter alguma coisa. Tenho alguma coisa de verdura, sempre gostei de fazer." **Heraldo Ventura da Silva (mestre Heraldo), 65 anos**

## Esteira, vassoura de palha, juquiá

"Papai que tomava conta dos bois [do sr. Ivan Rosa], os meninos que limpavam o pasto, a gente que tirava leite das vacas, tocava os bezerros. Essa já era a parte já com o meu pai, que a gente morava um pouco assim na casa deles [da família de Paulo César Souza de Oliveira]. Só que o nosso era a nossa própria casa, papai comprou o terreno. Papai fazia esteira, fazia vassoura de palha, fazia juquiá. Até hoje ele [Paulo César] mexe com juquiá também. (...) Meu pai criava de tudo. Meu pai tinha uns porcos grandes assim! Tinha caça também, jacaré, tatu, muita coisa! As mulheres caíam dentro da caça também, junto com os homens!" **Geovana Silva dos Anjos Oliveira, 40 anos**

“Eu sei fazer esteira até hoje! Esteira que a gente fazia de cambito. Botava um pau lá, outro cá, e botava um pau assim, atravessado. Aí amarrava aqueles pedaços de pauzinho assim... lá trançando, fazendo de embira e de pita [plantas cujas fibras são extraídas para artesanato]. Deixava de molho, depois batia, batia, tirava os galhos e ia fazendo umas cordinhas, para ir enrolando os cantinhos. Agora já não faz mais isso, mas nós fazíamos isso tudo! O bisavô desse menino [Badá] era ‘largado’ no juquiá e nas peneiras. E balaio. Falecido Bilé.” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## A usina... lá era sofrimento

“Papai trabalhava, trabalhava [na usina], mas a gente não via dinheiro, não. Ele trabalhava só pra trazer comida pra casa. Só pra trocar no armazém. E ele falava pra nós, quando

nós crescermos e pegar idade, pra gente não entrar na usina, porque a usina não era serviço pra gente, não. Porque lá era sofrimento.” **Geovana Silva dos Anjos Oliveira, 40 anos**

“Era isso mesmo. Tinha que tirar vale, lá em casa também nós tirávamos vale. Trabalhava um dia, no outro dia tinha que tirar vale. E a gente andava da onde a gente morava para ir lá no Muqui, no armazém que tem lá para comprar. A gente andava dali [Bela Vista] até a Apecarb, no armazém lá na Apecarb. Não tinha auxílio de nada não. Não tinha ajuda do governo, não tinha nada. Tinha que arrancar tudo bem dizer na unha mesmo, não tinha esse negócio, não, se quisesse sobreviver.” **Paulo César Souza Oliveira, 49 anos**



Clemildo da Costa (Tornel)

## Casa de farinha é que não faltava!

“Ih, casa de farinha é que não faltava! Em vários lugares a gente fazia farinha. Papai não tinha, não. Mas tinha engenho de moer cana. Casa de farinha ele não tinha. Que era da sogra dele, dona Geraldina, que é avó da minha irmã. Ela tinha casa de farinha. Quase todo mundo na Graúna... Lá, aquele menino, o Adriano [Adriano Ventura, pai de mestre Heraldo], esse homem que eu falei, seu Altimino [na terra de Adriano Ventura]. Eles, lá tudo, todo mundo lá tinha [casa de farinha]. Ali acho que agora não tem mais não, né, no Gambá [localidade situada em Graúna]. Ali também eles tinham farinha, que era do pai de Eldecir. No Eli tinha também, que era do pai de Eli. Na casa de seu Belinho Borges, tudo tinha casa de farinha antigamente. Eu já fiz muita farinha na casa de Ondina. Eu sozinha. Tinha um pessoal que ajudava. Naquela roda que, antigamente, você rodava [no braço]. Rodava as rodas para poder cortar as mandiocas no rodete. A gente fazia farinha, tinha um forno enorme, grandão. Botava a lenha, botava a massa no forno, que aí temperava na peneira, secava no tapiti, depois botava numa peneira.” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

“Aqui, o dono [da terra era] Adriano Rocha da Silva, meu pai. Nós construímos isso aqui. Trabalhávamos eu, meu pai, meus irmãos e alguns vizinhos. Aipim, mandioca... A mandioca, para quem vive no campo, não tem época. Porque muitos arrancam, logo assim que plantam. A base de colher *manjari* [espécie de mandioca] é um ano, *ponixi* em nove meses. Tem o *aipim-cachoeiro*... tem vários nomes. Cada uma é um tempo... Muitos gostam da *ponixi*, que tem a farinha mais suave. E a farinha, quem faz ela ficar mais adequada é o forneiro. O forneiro é



Antigo armazém da Usina Paineiras, na entrada da Agropecuária Carvalho Britto (Apecarb)

que faz a farinha. Aqui tinha *lavador*, que era para descascar mandioca. Nós tínhamos aqui a prensa... então cada um fazia a sua função. Já era a motor. Nós não mexíamos mais na mão. A gente vendia. Para a Usina Paineiras, armazém que eles tinham, sempre compravam. Até um vizinho que morava em Marataízes, mas tinha uma propriedade aqui. Vendia muito para ele. Ele faleceu, mas os filhos ainda estão vivos. 'Zé da Gata'. Tinha armazém, onde hoje é perto do Mercado Jucy, em Marataízes. E várias pessoas compravam assim, picado, negócio de um quilo. As pessoas que *ajudavam* aqui a gente dava uma quantidade..." **Heraldo Ventura da Silva (mestre Heraldo), 65 anos**

## Tudo é luta

"Tudo é luta! A gente já lutou muito para sobreviver. E tinha que trabalhar mesmo, né. Trabalhar não mata ninguém. E se matasse, também, eu

já era morta! Tem gente que nunca trabalhou nisso que nós trabalhamos, fazendo farinha, cortando cana... Tinha roça também. Meu pai inclusive tinha um canal lá para dentro, que nós tínhamos lá, [milho, mandioca, feijão], colhia tudo. A única coisa que papai comprava era sal e querosene. Papai tinha arroz, a gente pegava arroz. Tinha feijão, plantava, minha mãe carregava muito feijão no *cargueiro*, trouxa de feijão, amarrada no lençol. Eles apanhavam no quintal, nos terreirões grandes. Aí, quando secava, batia com aquelas varinhas, né. Aí colhia feijão, arroz. Socava no pilão. A gente fazia canjica, socava no pilão também. Tinha de tudo. Nós vivíamos assim. Galinha (...), banha, a gente matava um porco, botava a banha naquelas latas de querosene. Tinha café. Que torrava e pilava o café. Torrava, depois socava. Colorau a gente fazia também, de urucum, socado no pilão." **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

**"Tudo é luta! A gente já lutou muito para sobreviver. E tinha que trabalhar mesmo. Trabalhar não mata ninguém. E se matasse, também, eu já era morta!"**

**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

# Jongo, capoeira, rezas, orações e práticas tradicionais de cura



Roda de Jongo

As festas e os bailes estão presentes na vida coletiva desde os tempos da *antiga Graúna*. Dentre as manifestações típicas mais marcantes da identidade local pode-se destacar o Jongo (também chamado de Caxambu nos relatos dos moradores) como um elemento cultural indissociável da história da comunidade.

Zé Macaco (Francisco Rocha), já falecido, era um dos jongueiros mais atuantes, tido como “chefe do Jongo”. Conduzia as rodas com sua esposa, a também falecida Tchê (Irani Oliveira da Silva), que organizava a parte das mulheres. Outro que *animava a Graúna* era Paizinho (Leopoldo Ventura da Silva), que costumava organizar bailes e forrós da comunidade.

No Jongo, dona Elza Ventura tanto dançava quanto “batia caixote”; e dona Aldenir Santos, filha de jongueiro, ficava até de madrugada.

Ao longo do tempo, muitos praticantes de Jongo/Caxambu foram se afastando das rodas e encontros por diferentes motivos, geralmente associados a incompatibilidades ou restrições de ordem religiosa, às demandas de trabalho e à criação de filhos e netos.

Porém na Graúna atual o Jongo ainda é celebrado como marcador de identidade coletiva, repassado pelos mais velhos e praticado pelas gerações mais novas. Atualmente, a Associação Comunitária dos Quilombolas de Graúna está retomando um projeto de prática e ensino do Jongo na escola.

Fala-se também das celebrações e outras práticas religiosas, típicas de um catolicismo popular presente nas áreas rurais, num tempo em que “ainda

não tinha igreja” na comunidade, representada por celebrações como a festa do Divino Espírito Santo. As procissões percorriam toda a Graúna, *abençoando as casas* com a bandeira, carregada sempre pela falecida Muca (Obertina Rangel).

Na época da *antiga Graúna*, quando era a lamparina a óleo de baleia que iluminava, e quando se andava a pé descalço pelas trilhas *no meio do mato*, era recorrente o encontro com assombrações a exemplo das experiências com o Lobisomem, as mais frequentes. Conta-se que era possível ouvir o barulho do Lobisomem *rolando na lama* do lado de fora da casa. Quem já deparou com ele conta que dava para ver no escuro as orelhas gigantes e os olhos vermelhos. Além disso, dizia-se que o Lobisomem não gostava de *mulher barriguda*, que as grávidas geralmente evitavam sair depois de determinada hora.

Uma figura marcante da cultura local é Albertino Rangel, seu Pia do Pandeiro (ou simplesmente tio Pia), reconhecido compositor e instrumentista de Graúna. Viajante, gosta de relatar seus encontros com outros compositores de sua época, em sua juventude, quando visitava as comunidades nos morros do Rio de Janeiro para conhecer e frequentar rodas de samba.

A Capoeira também marca presença na comunidade, incentivada e mantida por meio do projeto de Rodrigo Ventura, o mestre Graúna, implementado principalmente para atender público infantil e jovem. As rodas servem tanto de atividade de recreação quanto de ensino, educação e construção de valores considerados importantes para a formação da identidade coletiva e do caráter individual



Albertino Rangel (tio Pia)

dos praticantes, sempre direcionados à integração com os outros moradores da comunidade.

A memória social de Graúna também se constitui a partir da atuação das antigas *parteiras* e *rezadeiras* da comunidade. Segundo os relatos de moradores, a maioria das pessoas das gerações que ainda alcançaram outras épocas, mais antigas (até aproximadamente os anos de 1980), veio ao mundo por meio da atuação de parteiras. Nesse tempo não existiam hospitais-maternidade, nem serviços de saúde para atender os moradores de Graúna. Os partos eram realizados nas casas das famílias, a partir de saberes tradicionalmente compartilhados, porém conhecidos e desempenhados por algumas mulheres, desde a preparação até os cuidados pós-parto, com mães e bebês.

As *rezadeiras* também desempenhavam um papel importante na vida cotidiana de Graúna, sempre ajudando aqueles que buscavam solução para pequenos males ou curas inalcançáveis apenas por meio de *médicos* e *remédios de farmácia*.

Além disso, os saberes aplicados a ervas medicinais e outros *remédios do mato* são sempre lembrados como elementos da tradição de conhecimentos da comunidade. É por meio deles, associados, inclusive, às práticas de *parteiras* e *rezadeiras*, que muitas enfermidades e lesões foram superadas. Atualmente, dona Maria da Silva Santos,

conhecida como Penha Borges (sobrenome de seu pai, Nelson Borges), ainda cultiva e manuseia muitas plantas e procedimentos entendidos como tradicionais, além de conhecimentos aprendidos em outras experiências e formações, em cursos em universidades e outras instituições, como o *shiatsu* e outras técnicas provenientes da sabedoria típica de países orientais. A esses saberes dona Penha acrescenta a utilização de ervas e outras plantas como *guiné*, *aroeira* e *arruda*.

Além dos *remédios*, conta-se que, *antigamente*, a alimentação era de *melhor qualidade* e que, por isso, a saúde das pessoas era *mais forte*, *ninguém ficava doente igual a hoje*. Farinha de mandioca, beiju, tapioca, milho e bolo de fubá, bem como outras variedades de alimentos, temperos e plantas cultivadas em hortas domésticas, nas roças, e produtos de origem animal produzidos na própria comunidade faziam parte da dieta diária. E tudo sem veneno.

Na casa de dona Vera Lúcia da Silva Rocha, por exemplo, além de ainda encontrarmos uma construção da antiga casa de farinha em seu quintal, hoje é possível ver um pilão de madeira que era utilizado para produzir fubá.

São como as peças da moenda de uma antiga casa de farinha e as *semeadeiras* manuais, guardadas na casa de “mestre” Heraldo Ventura,

## 22 Cartografia Social do Quipea

junto com antigas balanças para pesar sacos de farinha, serrotes e redes de pesca. Ou ainda os *juquiás* produzidos pelos familiares de Paulo César Oliveira, que até hoje detêm os saberes e técnicas dos trançados de junco e bambu, e os manuseios precisos da armadilha.

As tradições de conhecimento herdadas dos ancestrais ainda se fazem presentes de diversas formas em Graúna. Exemplo disso são os instrumentos artesanais, os modos de fazer e os saberes sobre a pesca, sobre as esteiras e balaio, que permanecem sendo praticados e transmitidos por algumas famílias. As rezas (agora também orações), ervas e curas tradicionais, que encontramos bem vivas nas falas de dona Elza e de dona Penha. A alegria das comemorações, dos ritos religiosos e das festas, continua atualizando vínculos familiares e comunitários, reforçando os pertencimentos coletivos, as origens comuns e os destinos compartilhados pelos quilombolas de Graúna.



Dona Penha Borges

## Aprendi com Deus

“Rezadeira eu conheci. Eu sou uma. Eu não escondo de ninguém, já fui rezadeira, muita rezadeira mesmo, e rezadeira de dar prova, entendeu? Se eu rezasse uma criança desenganada do médico, a criança vinha doente, mas, saía forte. Graças a Deus, eu tenho muita fé, muita fé em Deus mesmo. Aprendi com Deus, sem ninguém me ensinar.” **Elza Ventura, 72 anos**

## Rezavam pra chover

“Tá vendo... aquelas duas arvorezinhas, na coroa do morro lá? Ali era uma capelinha. A turma rezava lá embaixo, aí eles faziam. Ali tinha um cruzeiro. E aí a turma ia subindo... Quando ficava muito tempo sem chover, aí eles faziam um projeto ali... eles rezavam, aí eles subiam lá onde era a capelinha. Levava mais ou menos uns trinta dias, a chuva caía com força. Rezavam pra chover.” **Leonor Ventura (seu Nonô), 77 anos**

## Remédio caseiro

“As pessoas se tratavam com remédio caseiro. Minha avó era parteira [dona Joaquina]. Ela saía daqui para ir lá em Campo Acima [Itapemirim] de pé!” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## Tinha Lobisomem, e muito!

“Existia lobisomem sim, minha mãe falava. Na lua cheia, quando a casa tinha mulher barriguda, aí o lobisomem atacava.” **Alexandra Costa Santos Paulo, 41 anos**

“Tinha lobisomem, e muito! Um dia, um moço que morreu, o nome dele era finado Nelson, aí ele estava dentro de casa, e tinha uma vala ali pertinho da casa dele. Aí tinha um bicho ali se batendo, ele se bate com a orelha igual porco, né, assim, meia-noite. Aí ele foi, abriu a porta, aí ele viu esse tal cara que virava lobisomem. Aí deu uma carreira nele, ele correu e sumiu. Ele vai na coisa de lama para virar um porco. Sempre era em noite de lua cheia, e tem uma coisa, ele não gosta de mulher grávida. Mulher grávida ele vai enfrentar.” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

“Lobisomem, diz que tinha muito lh, diz que tinha muito lobisomem. Diz que quando a lua estava clara, ele ficava sentado num morrinho, encorujadinho, olhando para as pessoas. Não podia ver uma mulher barriguda, que diz que ele rasgava a barriga da mulher. A turma dos mais velhos que falavam. Tem uma mulher que ainda é viva, a Adélia, ela falou que quando a sogra dela ganhou o filho dela, que era o ex-marido dela, o Odilon, aí o lobisomem chegou lá e apanhou o neném em cima da cama. Eles procurando e nada de achar. O neném estava lá no cantinho, embaixo da cama. Ele ia comer e não deu tempo. Já pensou?! Lobisomem!” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Bruxa e assombração

“Falavam que tinha bruxa nessa época também. Falavam que a bruxa era para chupar o umbigo das crianças. Quando as crianças nasciam. Aí dormia com a tesoura embaixo do travesseiro. Que eles falavam, antigamente. Eu mesmo, graças a Deus, nunca vi nem quero ver! Tal de bruxa. Eles falam que tinham medo de andar de noite, por causa de lobisomem.

Nós, ia uma porção de gente buscar lenha. Eu mais minhas amigas. Aí a gente escutava aquela porção de corrente. Aquela troca de boi, aquelas correntes batendo... Chegava na hora, a pessoa ia olhar e não via nada... É assombração mesmo, né. Aqui nesse grupo aí dos encontros, esse grupo que tinha aqui, de vez em quando a porta batia sozinha! Nós morávamos ali, naquela casa, aí de lá a gente escutava a porta: ‘Bah, bah, bah’. Toda hora. Aí a pessoa olhava assim, não via nada... Acho que era mal-assombrado, que diz que nesse lugar [em Graúna] morreu muita gente, que enterraram aqui.” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Dos tempos perdidos

“Diz que tinha talha de dinheiro, aquele dinheiro antigo, né. Que enterraram no chão, que os escravos deixaram, sabe. Falam que tinha *mina de ouro*, tal de *mina de ouro* que eles falam. Aí as pessoas não vão procurar nada, porque eles têm medo. Caía diamante, que eles falavam. Minha mãe disse que uma vez veio um diamante brilhando, brilhando,

brilhando, luz de tudo quanto é cor. Azul, vermelha, amarela... Aí caindo aquelas lágrimas no chão. Aí chegou no pé dela, caiu no pé dela, ela ficou com receio, ficou com medo. Isso que eles dizem que é herança, que eles falam. Não sei o que é. Que é a mina de ouro. Que é a tocha de fogo. É diamante. Dos tempos perdidos, daquela época... As pessoas mais antigas sabem de muitas coisas.” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Ela era benzedeira

“A minha avó [Maria Ventura] era descendente de índios, era cabocla. E ela fazia parto em casa, ela rezava as pessoas. Ela era daqui da comunidade, ela é falecida. Mas ela deixou um caderno com trezentos e poucos partos, com quatrocentas e poucas crianças que ela benzia, né, ela era benzedeira.” **Maria da Silva Santos (Penha Borges), 57 anos**

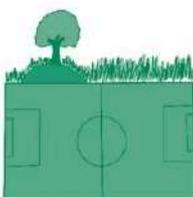
“Dona Vivi era parteira mesmo. Eu ganhei dois filhos com ela. Parteira tinha muita! A minha mãe de umbigo, que foi parteira da minha mãe, ela morreu. Dona Maria ‘Pé-pé’. Ela



Ervas medicinais do quintal de dona Penha Borges



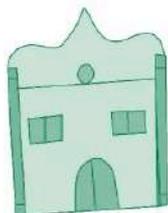
Práticas de cura



Antigo campo do Joca



Antigo ponto de encontro do Jongo



Primeira Assembleia de Deus



Capoeira



Antigo centro de cultura afro



Dona Aldenir da Silva Santos

pulava num pezinho! Um pé dela era cortado, aí ela andava na ponta do pé. Ela era parteira. Têm umas meninas ali, naquele morro que tem umas casas, que é tudo filha dela... filha de umbigo. Mamãe botava [o umbigo dos recém-nascidos] dentro de uma caixa de fósforo e deixava guardado. Outras enterravam no curral, outras enterravam na beira da porta até, atrás da casa... para ficar 'caseiro', que eles falam... Tinha muita rezadeira também. Dona Santana era rezadeira. Rezava de tudo. De [mal] olhado, tal de ventre caído, braço destroncado... tudo elas rezavam. Minha mãe também era rezadeira. Dona Maria Antônia. A casa nossa enchia de tanta gente que vinha rezar. Não tem aquelas vassourinhas, de folha de alecrim? Era com aquilo que ela rezava. Aí ficava tudo 'murchinho'. Eu aprendi um bocado, eu aprendi a rezar de sol na cabeça. Eu aprendi com a minha sogra. Eu sei a palavra, mas a gente tem que ter fé. Se tiver fé, vale. As palavras do sol? Ela [sogra de dona Aldenir] apanhava uma toalha branca. Dobrada, com

um copo de água fria. Aí dobrava, botava ali em cima, botava na cabeça. Aí, fazia aquela oração dela. Fazia assim: 'Marilya, com seu filho doente. É o sol e a cremaria. Uma toalha de linho branca e um copo de água fria'. Isso que era a reza. Agora, de olhado, minha mãe rezava. Botava um galho de alecrim atrás da orelha, três brasas de carvão dentro de um copo d'água. Quando aquelas brasas subiam, aí rezava as crianças.'" Aldenir da Silva Santos, 73 anos

## Tem que mostrar a lua para as crianças

"Primeiro, quando ganhava neném, ficava de resguardo durante oito dias. Aí tem que deixar as crianças presas até inteirar oito dias, não deixar sair. E também, quando sair, tem que mostrar a lua para as crianças: 'Olha lá a lua!', para olhar para cima. Dizem que dá *mal-de-lua* na



Antiga casa de farinha no quintal de dona Vera Lúcia da Silva Rocha

**“A minha avó [Maria Ventura] era descendente de índios, era cabocla. E ela fazia parto em casa, ela rezava as pessoas.”**

**Maria da Silva Santos (Penha Borges), 57 anos**

cabeça né, se não mostrar; *mal-de-lua* é doença que dá na cabeça das crianças. Adoecia, parece. Aí morria.”  
**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Aqui na Graúna tinha amor

“É, meu Deus, era muito bom! Aqui tinha amor, tinha respeito. A pessoa tinha meio quilo, mas de meio quilo eles dividiam 250 gramas com o outro que não tinha. Entendeu como? Não queria saber do amanhã. Aí falava: ‘amanhã é outro dia’. Mas ninguém ficava com fome, todo mundo dava um pouquinho ao outro. Aqui na Graúna tinha amor! Adoecia um, de repente chegava um com o pouco que tinha... um trazia, o outro trazia, e aí perguntava quanto estava faltando, aí o outro ia em casa buscar o pouquinho que tinha, quando ia ver, o remédio estava comprado.”  
**Elivanis Paulo (Badá), 46 anos**

“Meus pais trabalharam muito na Usina Paineiras. Nós passamos muita dificuldade. Mas é aquele negócio, era ruim, mas tinha assim

aquele alegria, porque a gente tinha muita animação. A pessoa vivia o sofrimento, mas sempre tinha aquela alegria, né. Sempre a turma dançava. Tinha o Jongo, era o Forró da galera, meu tio inventava negócio de um Carnaval, e a turma naquilo ali era aquela alegria! Saía daqui pra ir dançar pra lá do Pia [tio Pia]. Então se vivia e ficava alegre ainda.”  
**Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## Ela querendo furar o meu pandeiro

“Mas não é por nada não, não é por nada não, ela querendo furar o meu pandeiro! Eu fui cantar num samba lá no Rio de Janeiro, houve uma grande confusão! Duas mulheres brigando, com ciúme de marido, e eu saí correndo, e eu saí correndo! Não é por nada não, minha gente! Ela querendo furar o meu pandeiro.” Versos de samba composto por Albertino Rangel (tio Pia), 87 anos

## Folia de Reis

“Eu já dancei Folia de Reis, quem fazia era o meu cunhado que já faleceu, Oliveira, e o meu outro cunhado que morava em Paineiras. Dona Santana também fazia a Folia de Reis, e o falecido Jorge, irmão de seu João Milé [avô de Badá]. E o Carnaval, que o meu tio fazia.”  
**Elza Ventura, 72 anos**

“Nós dançávamos [Folia de] Reis com força! Papai mesmo fazia Reis aqui na casa dele. Nós íamos à Folia de Reis. Na casa de seu Péricles, lá em casa fez, vários lugares... Quadrilha que não faltava. Todo ano tinha quadrilha. Quadrilha da escola, das crianças, antigamente. Agora que não tem mais, porque a

**“Aqui era mesmo o Carnaval, Carnaval da roça, né. Aí fazia aquele batuque, e levava aquela seresta...”**

**Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

mulher que dava aula, que gostava de quadrilha, que dava festa para as crianças, morreu já. Dona Maroca, né?! A professora, antigamente. Era muito bom, aquela época!”  
**Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

## Carnaval da roça

“Meu tio fazia muito baile. Tio Agripino. Ele fazia bloco de Carnaval, fazia baile, né. Morava na Vargem, que, quando enchia d’água, a pessoa dançava com a água quase em cima do joelho, mas ele fazia o salãozinho dele. A mulher dele fazia bolo de fubá e aí vendia pro pessoal... Só sei que o baile era super animado. Fazia bloco de Carnaval, saía aqui pela Graúna.”  
**Elza Ventura, 72 anos**

“Aqui era mesmo o Carnaval, Carnaval da roça, né. Aí fazia aquele batuque e levava aquela seresta... A gente jogava muita bola também, eu mesmo joguei muita bola. Um tio meu que trabalhava em Cachoeiro numa firma, aí ele falava com a minha mãe, minha mãe chamava Ondina: ‘Ondina, o Tião mais o Deilson [um parente falecido], eu quero levar eles lá para Cachoeiro [de Itapemirim], para eles jogarem lá no time e trabalhar lá’. Minha mãe não quis, não. E olha

que nós jogávamos bem! Não é para me gabar, não, mas, daqui não tinha outro! Paizinho era meu irmão. Morava aqui do lado. Sinceramente, ele frequentava mesmo o negócio do Jongo. Eu era mais do negócio de um forrozinho. Era lá pra frente de onde vocês foram lá em Pia. Mas era tanta gente! Nem sei da onde saía tanta gente! Às vezes amanhecia o dia. O Jongo, o Caxambu. Falavam que ia ter um Caxambu, que era o Jongo!”  
**Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## Dona Maria e os mascarados

“Dona Maria que escalava, eram dez mascarados que ela botava. Eu da minha idade, eu era menino novo, mas eu não gostava desses negócios não, mas ela escalava, tinha que ir! O mascarado, eram as máscaras, né, que ela comprava, as roupas, se vestia de cara suja, você não conhecia quem era. Se misturava tudo junto e aí não sabia quem era, ela sabia. O mascarado é um troço feio! Pra correr atrás das crianças.”  
**Clemildo Costa (Tornel), 48 anos**



Antigas ferramentas na casa do “mestre Heraldo”: balança antiga, rede de pesca, serrote e semeadeira

## Boi mascaradinho

"E tinha um boizinho, que faleceu, boi mascarado, que gostava de ficar embaixo do boi, um tal de Jurandir! Boi mascarado, mascaradinho... Eram uns bois fortes, e eles davam cabeçada pra derrubar mesmo!"  
Clemildo Costa (Tornel), 48 anos

## Capoeira é cultura, é uma arte

"[Sou] filho de dona Eni Ventura Cordeiro, meu avô foi Alziro Ventura. Avó Maria Justina da Silva Ventura, meu pai Ataíde Cordeiro. O projeto [da Capoeira] veio através do diretor [Bruno Sobroza Duarte], na escola antiga, aí ele falou: 'Rodrigo, eu tenho vontade de montar um projeto aqui de Capoeira, mas não tem ninguém para dar aula'. Aí eu falei: 'eu converso lá com meu mestre, eu vou me preparar para isso'. Aí eu fiquei dois ou três anos fazendo estágio lá com meu mestre e assumi o projeto. Aí teve as idas e vindas, teve altos e baixos, nisso aí eu consegui arrecadar uns bons frutos. Os frutos que iam para os caminhos do mal, através da Capoeira eu consegui botar alguns no trilho. Aí demos uma paradinha, com negócio de pandemia, e agora eu vou tentar voltar de novo. Começou na escola, depois veio para um projeto aqui da prefeitura: Casa verde, casa do bem, eu consegui expandir para a creche, botar a Capoeira dentro da creche, com os pequeninhos de cinco anos. Consegui, ficou legal, e da creche as crianças que saíam daqui [da creche] para o colégio estadual já iam direto para a Capoeira. [O projeto chama] a Arte da Capoeira Quilombola de Graúna. No começo eu tomei muita cacetada. O pessoal achava, pelo fato de eu ser capoeirista, que tinha alguma ligação de espiritismo. De ser algum pai de santo, alguma coisa assim. Capoeira é cultura, é

uma arte, não é uma religião. Aí eu mudei as letras das músicas, botando letras diferentes, mais pro gospel. Aí o pessoal começou a aceitar mais."  
Rodrigo Ventura Cordeiro (mestre Graúna), 40 anos

## O Jongo e a festa das Neves

"[Jongo era] o que mais tinha aqui! Eu sempre gostei. Sempre gostei. Não é 'ser jogueiro', entendeu? A gente entrava no meio da turma e inventava modal. Era meu tio, Paizinho. Ele morava ali. Ele chamava as crianças: 'vem cá, minhas crianças!'. E juntava. A festa era nas Neves. Até os [meus] 22 anos. Onde, o que ele arranjava, saía super cheio. Eram pessoas de idade e crianças. Os adultos iam com ele. Vinha do Rio [de Janeiro], Vitória... essa turma todinha, no dia da festa das Neves. Aí jogueiro que eu conheci eram Paizinho, Oliveira... lh, têm vários!"  
Heraldo Ventura da Silva (mestre Heraldo), 65 anos

"Aí entrou esse usineiro aí, e não proibiu de fazer Jongo não. Aí fizeram um Jongo um dia lá pra ele assim, o pagamento atrasou, né: 'doutor Ataliba, o pagamento quando é? Solteiro chora, quanto mais quem tem mulher!'. [E ele disse:] 'ô Laércio, olha! Tem que pagar o povo, porque eles tão botando verso para mim!'. (...) Eu conheci ali o Maurílio Rocha, o Marcílio Rangel, ali da Graúna, o seu Adel Borges, Nelson Borges, morando ali, dona Geraldina, dona Julinha, dona Izabel, todo mundo lá. Olha, eles faziam Jongo. Ihh! Era um barulhal medonho! Toc, toc, toc, toc! Mas o pior é que papai não me deixava ir! [risos]. A gente tava deitado na cama, o tambor tava lá, tá tá tá, tá tá tá! Era o Jongo! Ali perto da usina, também tinha quilombola lá. Tinha umas mulheres pretonas, gordas, elas usavam uns vestidos compridos, e cantavam lá o Jongo, é um verso, né, aí tinha que rebater aquilo. Ali onde dona Geraldina morava, tinha um cara que morava na fazenda da usina lá, não era quilombola não, mas ele gostava de Jongo, o nome dele era



Dona Elza Ventura



Heraldo Ventura, “mestre Heraldo”, em frente a sua antiga Casa de Farinha

**“Zé Macaco era o jongueiro. Ele era o chefe do Jongo. Fundador do quilombo mesmo não tem, mas os fundadores eram unidos, um tal de seu Valdir, Paizinho, eram do quilombo, a turma respeitava.”**

**Clemildo Costa (Tornel), 48 anos**

Antônio Pacheco. E ele puxou: ‘aeeê, olha a lona de Ataíde! Tô rojando minha branca quem vai lavar, tô rojando minha branca quem vai lavar!’. Aí veio a dona Geraldina, rodou, rodou, rodou e cantou: ‘ô seu Pacheco, não tenha pena da ribeira, traga o sabão e a lona que aqui tem boa lavadeira!’ Aí entrou o outro, era um desafio, né, e perguntou ao outro quantos peixes tinha no mar. Aí o cara rodou pra lá, rodou pra cá: ‘ahh, quantos peixes tem no mar, quarenta calungas e cinquenta peruá.’” **José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos**

“A gente gostava de Jongo, né! A gente dançava. Ia para o Jongo, amanhecia o dia, vinha embora. Nós amanhecíamos no Jongo. Meu pai também era jongueiro. Nós tudo fomos criados assim. Agora que eu não danço muito Jongo, perna cheia de dor. Andei comprando remédio para tomar, para poder melhorar. Graças a Deus melhorei mais um bocado, mas eu não posso dançar, não.

Agora sou crente, sou adventista, faz tempo já. Papai gostava de dançar um jonguinho também. Fazia até Jongo na casa dele, na nossa casa ali. Manoel Roberto da Silva [pai de dona Aldenir]. Minha mãe era Maria Antônia da Silva. Isso aqui tudo era dele, do meu pai. [O ponto de encontro dos jongueiros] não era só aqui, não. Era em dona Rosalina, né. E o marido dela, Izaltino. Era todo mundo, jongueiro é que não faltava aqui na Graúna! Todo mundo era jongueiro!” **Aldenir da Silva Santos, 73 anos**

“Zé Macaco era o jongueiro. Ele era o chefe do Jongo. Fundador do quilombo mesmo não tem, mas os fundadores eram unidos, um tal de seu Valdir, Paizinho, eram do quilombo, a turma respeitava. Paizinho, quando tinha um forró, falava que era a última [música] e era a última mesmo. E, cara animado, tá. Eu lembro até hoje. Ele que animava Graúna. Depois que esse cara partiu, Graúna ficou desanimada.” **Clemildo Costa (Tornel), 48 anos**

# Graúna de ontem e hoje: das matas aos canaviais e pastos



Nascente de água

Os impactos da indústria canieira e da agropecuária intensiva na região foram responsáveis por grandes transformações na paisagem natural, produzindo efeitos diretos na forma como a comunidade quilombola de Graúna se relaciona com o meio ambiente.

A devastação de antigos locais de mata, brejos e lagoas para a implantação de pastagens para gado e a monocultura da cana, foram responsáveis pela modificação permanente tanto de aspectos ecológicos quanto do sustento material, que fundamentam meios tradicionais de vida da comunidade.

Tais transformações operaram – e ainda operam – tanto em dimensões práticas quanto simbólicas da vida comunitária, condição perceptível, inclusive, pelo processo de deslocamento do quilombo, “empurrado” desde a antiga Graúna, das margens do rio Muqui, até a Graúna atual, às margens da rodovia. O cercamento dos territórios tradicionalmente ocupados e usufruídos ao longo da trajetória de Graúna – de pesca, caça e coleta – acarreta a perda e a restrição do acesso da comunidade aos seus antigos locais de memória, efeito desses processos de expropriação.

A comunidade relata também efeitos nocivos à saúde e ao bem-estar das pessoas causados pela poluição de corpos d’água, como brejos, valas e nascentes, bem como do solo, provocada principalmente pelo plantio de cana, pela utilização de agrotóxicos em plantações de abacaxi e pelos efeitos do manejo de criações de gado.

Além disso, relata-se que, apesar de a comunidade contar com uma estação de tratamento de

esgoto já inaugurada, ela nunca foi ativada. Esse fato prejudica a condição sanitária dos moradores, principalmente no centro de Graúna, onde se concentra um maior número de famílias.

As estratégias de manutenção do território, embora sejam pautadas nas reuniões da associação quilombola, passam pela condição de cada família ser responsável pela parte de terreno que lhe cabe em cada núcleo. Assim, a ocupação das terras disponíveis se constitui e reproduz por meio de situações de permanência e reivindicação dos espaços locais, configurados a partir de relações de parentesco e eventuais doações, vendas e trocas por outros bens. Essas relações, por sua vez, são estabelecidas geralmente entre parentes, dentro da própria comunidade. Porém há casos que envolvem também pessoas de fora.

Isso se evidencia e em grande medida se agrava principalmente nas áreas mais afastadas da rodovia e do centro urbanizado da comunidade, onde a presença de moradores já é esparsa. Nessas áreas próximas à antiga Graúna residem pessoas mais velhas da comunidade, que se estabeleceram e permaneceram nessas terras há muitos anos e cujos filhos e outros parentes mais próximos buscaram moradias em outras partes da comunidade, especialmente no centro da Graúna atual.

Dessa forma, a busca por novas oportunidades profissionais e serviços tende a desencadear um deslocamento dos quilombolas das áreas mais rurais, processo reversível quando parentes retornam para reivindicar as terras em ocasiões de falecimento ou enfermidade dos moradores.

A construção da rodovia trouxe grandes impactos quando cortou em dois o território da comunidade. Isso resultou no aumento do tráfego de veículos, na chegada de pessoas de outras regiões, no crescimento da especulação imobiliária e no aumento da violência, refletido no aumento dos índices de criminalidade.

A realização de projetos públicos na comunidade, provenientes de programas vinculados ao Estado brasileiro, em seus diversos níveis de atuação, também impacta as condições de ocupação territorial de Graúna. É o caso da utilização de uma área da comunidade para a implementação de um projeto governamental de habitação popular que beneficia tanto pessoas *de dentro* quanto *de fora*.

A Associação Comunitária dos Quilombolas de Graúna se apresenta como um importante instrumento de luta para a manutenção e a sustentabilidade do território e dos modos de vida da comunidade; é por meio dela que se estabelecem diversas conquistas diretamente relacionadas à identidade quilombola. Entre outras, cita-se a ampliação de acesso a serviços públicos – educação quilombola, posto de saúde e outros projetos governamentais de implementação específica em comunidades quilombolas.



Local da antiga Lagoa do Geraldo, antigo local de uso comum, transformada em pasto para gado, em área particular cercada

## A terra ali é dos pretos

“Aqui era um cafezal da minha avó, Diana Rocha. E era do meu pai. Então, tinha essa área aqui, tinha essa área lá [antiga Graúna], onde nós morávamos mesmo, onde eu nasci, perto dessa lagoa. Ali naquele lado, morava minha avó e meu avô. Não tinha essas casas não. A usina pegou uma parte da terra do lado de lá, mas a maioria dessas pessoas daqui morava tudo lá, perto de onde eu nasci. Aí vieram [para cá], porque [havia] melhora, asfalto, energia [elétrica], [mas se tivesse eletricidade no antigo local de moradia] saía nada! Não saía, porque lá era bem melhor. Tinha de tudo. Peixe, ninguém comprava. A minha avó tinha um pomar de laranja lá. As pessoas iam, atravessavam a lagoa só para ir lá pegar. Venda, era lá em Nova Canaã [Cariacica]. E esse terreno vai lá na divisa. Então, a turma saía de lá para plantar nesses terrenos, lá próximo. Se tivesse energia para lá, a minha vida era para lá, não vinha para cá não. Me sinto lá mais à vontade.” **Heraldo Ventura da Silva (mestre Heraldo), 65 anos**

“[A comunidade se deslocou] porque para lá não tinha mais condução. Não tinha mais trem. Então aqui estava na beira do asfalto e aqui passava ônibus. Logo que começou a estrada aqui, eles saíam de lá às vezes a pé, de madrugada, para apagar aqui o ônibus. Então, foi vindo para cá, foi vindo para cá, e para lá não ficou ninguém.” **José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos**

“A usina foi entrando, foi entrando, aí, quer dizer... um vendia por um tanto, outro não vendia, foram entrando, e era o terreno da Graúna, dos quilombolas, entendeu? Aí a usina foi entrando. Mas a usina

sabe que o terreno é da Graúna. Minha mãe sempre me contou isso, que eles sabem que a terra ali é dos pretos! Esse terreno começa em Beira Rio e vai lá em Canaã!" Vera Lúcia da Silva Rocha, 71 anos

## Está tudo cercado

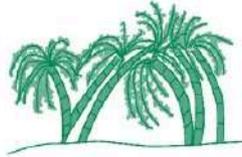
"Ali onde a falecida dona Maria morou, tinha uma chácara ali, muita laranja, mexerica, manga (...), ali nós pegamos muito peixe. Agora tem que ir longe, ficou difícil. Tem que sair de moto ou de carro, ficou difícil. Mesmo que nós morássemos lá hoje, já não tinha mais a mesma liberdade, porque está tudo fechado. Antigamente ia por ali a pé, você ia pra Campo Acima [Itapemirim] de bicicleta, nós íamos com nossos colegas pra Campo Acima. Hoje não pode mais, hoje tem que passar lá pela estrada da Apecarb. Está tudo cercado." Paulo César Souza de Oliveira, 49 anos

## Impacto social e econômico

"Eu vejo que quem sofre mais os impactos [da indústria do petróleo] somos nós quilombolas. Como a gente está num contexto de [conquista de] espaço na escola, espaço na comunidade, espaço nas vagas de emprego, a gente vê que até para as vagas de emprego, nós demoramos a nos qualificar. Nós, quilombolas, demoramos a nos qualificar. Nós abrimos os olhos que nós precisamos nos qualificar agora recentemente. Aí, quando a gente vai disputar essas vagas de trabalho, a gente não tem qualificação profissional para disputar. Aí traz de fora ou pega do centro do município. A gente está mais no impacto social e econômico. Por isso que eu citei logo, porque o que eu mais vejo reclamar aqui é que a gente não consegue espaço nos melhores empregos, não é



Casa do seu Juca



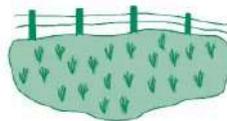
Canavial



Casa de dona Elza



Sede da Usina Paineiras



Área de pasto



Área invadida (por gente de fora)

por falta de vontade da comunidade, foi por falta de oportunidade." Paulo Sérgio de Toledo Costa (Paulinho da Graúna), vereador de Itapemirim, 53 anos

## Fizeram vala de um lado e de outro

"Hoje o rio Muqui mudou. O rio Muqui não terminava ali. Então o rio Muqui saía de onde passava o trem. Ele [o trem] passava na Fazenda Monte Alegre, e saía lá na caixa d'água. Naquele tempo tinha o trem de Marataízes a Cachoeiro [de Itapemirim], e ali tinha uma caixa d'água para abastecer o trem. E o rio então vinha. Aí, quando dava a enchente, enchia muito e dava muito prejuízo ao varjeiro [morador da Vargem, em Graúna], muito prejuízo mesmo! Tinha um lago, que descia ali, que saía do rio, e passava na Fazenda Monte Alegre, atravessava ela, pegava aquele lado e saía na Fazenda Rio Muqui, dentro da usina, e descia pelo lago, e o lago descia no rio, lá perto da Vila. Acabou o trem aí matou aquele lago ali. Aí foram no rio Itapemirim, fizeram um lago saindo da Fazenda Muqui, foi lá perto da Vila. Aí encontrou com o rio lá. Aí desaguou no outro rio. O rio Pequeno desaguou no grande. Aí fizeram vala de um lado e de outro, e fizeram dique. Então hoje acabou, não tem mais enchente." José Rosa Filho (seu Juca Rosa), 97 anos

## O impacto da estrada

"Um dos maiores impactos culturais que nós sofremos, que eu vejo hoje, foi a rodovia que passou aqui. Que trouxe todo mundo de lá pra cá. Que nós morávamos lá pra dentro. Quando criou-se esta rodovia que cortou a nossa comunidade, aí todo mundo veio migrando pra cá. Aí



Local do antigo pré-escolar de Graúna, área de uso comum do quilombo, hoje cercada por particulares

foram largando pra lá as lavouras, fomos largando as nossas culturas, foi ficando tudo pra lá. E nós viemos pra cá, e aqui na beira da rodovia passam culturas de vários tipos, aí o nosso olho vai vendo, e o nosso ouvido, vai ouvindo e fica desejando ser igual a eles. Essa rodovia aí cortou a nossa comunidade quilombola no meio, e acabou focando aqui, o centro do quilombo. Mas na realidade o centro era lá.” **Paulo Sérgio de Toledo Costa (Paulinho da Graúna), vereador de Itapemirim, 53 anos**

## Vai tocando fogo, vai sumindo

“Ali nos cantos tinha muita coisa. De primeiro você via uma, duas, três cobras no meio do caminho. Aí foi acabando as matas, uns plantando cana, outros plantando abacaxi, vai devorando, né. Vai tocando fogo, vai sumindo.” **Sebastião Ventura da Silva (seu Tião Ventura), 80 anos**

## Conjunto habitacional

“Ahhh as casinhas populares: mas vai criar um conjunto habitacional na comunidade quilombola? Vai descaracterizar a comunidade. Sim, vai. Aí qual foi o nosso combinado? Nós vamos fazer um conjunto habitacional, mas vamos fazer também a mesma quantidade de casas em terreno próprio. Porque têm famílias que não tinham esse terreno para fazer. E vão fazer o quê? Nós fizemos um conjunto habitacional com 45 casinhas. Aí nós construímos quase 40 casas em terreno próprio aqui. Quando você tira ele do cantinho dele, onde ele cria uma galinha, onde ele planta o milho, onde ele planta o aipim, e leva pro conjunto habitacional, você gera um impacto social negativo na comunidade. A maioria das pessoas que estão morando ali são pessoas que já eram casadas, mas moravam junto com o pai, moravam junto com o sogro, não tinham onde construir nem onde

morar.” **Paulo Sérgio de Toledo Costa (Paulinho da Graúna), vereador de Itapemirim, 53 anos**

## Tudo que a gente come hoje tem veneno

“O abacaxi nós não cuidamos mais, não. Parou. O veneno prejudica muito. Muitos falam que é remédio, eu trato que é veneno. Porque o que prejudica a saúde é veneno. Para falar a verdade, tudo que a gente come hoje tem veneno. O abacaxi, as frutas, os legumes. Agora o que não tem veneno é o que a gente colhe na hora, né, aqui na chácara. Uma manga, uma banana, um aipim. Não é para vender, não, é para a gente mesmo, para quem chega aqui, a gente só não dá conta.” **Antônio da Costa Rufino (seu Tim), 73 anos**

## Está tudo alterado, desequilibrado

“Meu avô conta muito isso... A usina destruiu muito. Bota um trator de um lado, outro do outro, e um correntão, que vai destruindo a floresta. Aqui era mata fechada. Era muita mata. Isso aí foi tudo destruído. E, a partir do momento que eles foram destruindo, eles foram aterrando muitos lagos, foram fazendo canais de irrigação, pra aproveitar mais a terra. Isso zera as nascentes. Desregulou o clima. É área tropical, era pra chover toda hora. Mas não têm as árvores para manter a chuvinha caindo. Então agora os lavradores estão reclamando da seca, daqui a dois meses eles vão estar reclamando que chove demais. E não conseguem perceber que está tudo alterado, desequilibrado.” **Lucas da Silva Machado, professor na EEEF Graúna, 35 anos**

# A terra dos pretos e os quilombolas de Graúna

A comunidade quilombola de Graúna afirma sua identidade em diferentes contextos, independentemente das transformações trazidas em cada período.

A memória social compartilhada em Graúna reforça uma dinâmica de pertencimento identitário transmitido por meio de inúmeras referências, por sua vez ancoradas nas relações de parentesco. Os quilombolas constroem seus vínculos familiares, que remontam aos escravizados que receberam terras doadas pelo Barão de Itapemirim. As mesmas terras onde habitavam e plantavam suas roças. Assim, nos relatos são citados os nomes e sobrenomes desses reconhecidos familiares, agora ancestrais: Rangel, Ventura, Leão, Rocha.

Os assim chamados *campistas* – sejam os negros escravizados que vieram foragidos das fazendas de lá [Campos dos Goytacazes], antes da abolição da escravatura, sejam aqueles que vieram depois, em busca de um lugar para viver e produzir – foram incorporados às famílias ancestrais, sendo eles os Cordeiro, os Borges e os Costa. Em um momento posterior, as formas de reprodução das famílias vão agregando fundamentalmente por casamentos com pessoas de fora outros sobrenomes, outros pertencimentos familiares, ampliando as teias da parentela, que se concebe essencialmente ligada àqueles antepassados. As famílias originárias são designadas por muitos como os *pretos*, os *quilombolas* ou também os *donos de Graúna*.

O território de Graúna, inclusive as terras por eles habitadas *lá nos cantos; no sertão; na Bela Vista, no Retiro Saudoso...* lugares de viver, trabalhar e de reproduzir suas famílias, estão intrinsecamente ligados às histórias que contam sobre si mesmos: é a *terra dos pretos; a terra dos quilombolas*.

Até mesmo pessoas de fora, como o fornecedor de cana e madeira sr. Juca Rosa, reconhecem a imensidão das terras que pertencem aos *mais antigos* de Graúna. Os proprietários da Usina Paineiras, que surge em 1912, segundo os relatos, sabiam que as terras eram dos quilombolas. O sr. Clemilson da Costa, por exemplo, afirmou que o sr. Ataliba de Carvalho Britto, um dos últimos gestores da empresa, tentou certa vez negociar com os

*proprietários do quilombo*, de modo a resolver a questão das terras expropriadas pela usina ao longo das décadas.

A transição da *antiga Graúna* até a *atual* é repleta de modificações materiais e simbólicas, mas também de atualizações de tradições sempre representadas por meio da memória social viva, mesmo quando descontinuadas. As obras de infraestrutura, como a construção da estrada de rodagem, a distribuição de energia elétrica, e a oferta de serviços e comércio são parte do processo de mudança vivenciado pela comunidade até o contexto atual.

Tais processos implicaram igualmente a expropriação de parte do território de ocupação tradicional, como indicado nos relatos sobre as situações de expulsão de antigos moradores de suas terras, acarretando transformações nas suas estratégias de reprodução social e na configuração espacial da comunidade.

Nesse panorama, o acesso da comunidade a políticas públicas passa tanto pela organização interna dos moradores, por meio da atuação da associação quilombola, quanto pela sua ação junto a órgãos e secretarias do poder público, principalmente na esfera municipal. A possibilidade de uma representação da comunidade na Câmara Municipal, em consonância com a atuação da associação quilombola, se constitui como um mecanismo relevante para a obtenção e a manutenção de acesso a bens e serviços, além do fortalecimento de ações de reivindicação para o reconhecimento dos limites territoriais do quilombo Graúna.

A escola, a creche e o posto de saúde são alguns dos elementos de domínio público mais bem-integrados e incorporados à vida em Graúna, como parte significativa e fundamental da estrutura básica de ensino, bem-estar e valorização das relações comunitárias.

Em Graúna, *ser parente é ser quilombola*, é reconhecer-se e ser reconhecido como membro integrado à vida social por meio da convivência e da participação em eventos coletivos, decisões e situações cotidianas que constituem a vida em comunidade.

## Fomos fazendo com o coração

“Quem começou o processo do reconhecimento quilombola foi o Everaldo, junto com o professor Eliário. Eles que iniciaram esse processo aqui em Graúna. Quando começou, ninguém acreditava, ninguém guardou muita coisa. Fomos fazendo assim, no impulso, com o coração, na época [2007]. Então eu acredito que tenha alguma dificuldade de encontrar alguma documentação. Aqui as casas não têm um lugar para armazenar documentos, e às vezes chove, eles perdem os documentos.” **Paulo Sérgio de Toledo Costa (Paulinho da Graúna), 53 anos**

“Foi com o Everaldo Leão que começou a ser feito esse estudo para Graúna ser reconhecida como comunidade quilombola. Lá por 2007/2008, por aí. O reconhecimento da [Fundação Cultural] Palmares veio em 2010, eu acho. Só que quem começou esse movimento todo aí foi a família Leão. Foi o Everaldo, foram os parentes dele, os sinhozinhos mais de idade, porque eles iam na reunião. Seu Joenis, o irmão de seu Joenis, eles iam na reunião. Tudo família Leão, família Cordeiro, que foram quem começou com esse movimento. O interessante dessa comunidade é que nem todos são negros. É uma comunidade miscigenada. A gente tem quilombola loiro, pardo... É totalmente miscigenada. Ela é meio urbana. É uma comunidade quilombola evangélica. A própria Capoeira foi difícil no início, as pessoas não aceitavam. E aí o nosso professor de Capoeira, que é o Rodrigo, né, que não recebe nada por isso... Aí ele hoje faz o quê: as músicas da Capoeira ele modificou as letras, para poder as pessoas aceitarem. E aí, quando houve essa adaptação, a frequência aumentou. É Capoeira

gospel. A gente trabalha toda a questão quilombola, a gente fala da história, da cultura, veste as crianças todas com as roupas características, mas, na hora da apresentação, é com música gospel.” **Silvana Cazotti Ambrózio da Silva, 44 anos**

## A comunidade dentro da escola

“Aqui a gente preza muito isso: a comunidade dentro da escola. Tanto que nas outras creches os responsáveis deixam as crianças no portão. Aqui, não. A mãe vem deixar na porta da sala e vem buscar na porta da sala. A gente faz visita nas casas, quando a criança não está vindo e a gente sabe que tem um problema com a família. A gente busca esta proximidade com as pessoas.” **Silvana Cazotti Ambrózio da Silva, 44 anos**

## A comunidade no rumo certo

“Eu estou presidente da associação [quilombola], estou em final de mandato, agora em novembro tem uma nova eleição, mas, por enquanto, estamos aqui. (...) Minha mãe é de Graúna, e meu pai é de fora. [Na delimitação do território] eu acho que falta interesse de alguns órgãos, né. Talvez pelo fato de até pouco tempo [por volta da certificação da Fundação Cultural Palmares, em 2010] Graúna ser pouco reconhecida como comunidade quilombola, isso atrapalhou um pouco. Mas a gente já deu uns passos amplos depois do Evento Cultural Quilombola [atividade do projeto Quípea]. Quando eu falei na entrevista que eu dei no final, que eu achava que Graúna ia passar a ser conhecida a nível nacional, aos poucos isso está acontecendo. Inclusive o título do evento, na época,

foi muito adequado às circunstâncias: *Identidade Quilombola, nossa essência, nossa história*. Eu acho que ali se firmou um resgate mesmo [das raízes do quilombo], e eu acho que a comunidade agora está indo no rumo certo, e as coisas vão começar a acontecer, gradativamente, né.” **Leandro Silva Fabiano, 47 anos**

“O trabalho que nós temos em outras comunidades que eu tenho visitado, hoje eles têm a geração de renda. Quando os turistas vêm, os turistas pagam para ver o Maculelê, para ver o Jongo, para ver a Capoeira, para ver o Carimbó, então aprendi muito nessa caminhada, em outras comunidades. Eu via ali que o turismo pode ser agregado nisso, que as pessoas que vêm querem ver essas coisas. É uma forma de incentivo, de geração de renda para nossos moradores. E, também, as nossas bordadeiras. Você ter máquinas de costura, formar umas costureiras, para produzir seu próprio material. Só quem conhece a Graúna é que sabe como é esse nosso povo aqui da comunidade. Nós temos um povo maravilhoso, nós vamos buscar o resgate da alegria expressada no olhar. Porque hoje nós perdemos um pouco aquela alegria no olhar... de ajudar... Mas, se Deus quiser, nós vamos resgatar isso de volta.” **Elivanis Paulo (Badá), 46 anos**

# A Cartografia Social no Quilombo Graúna



Oficina de Cartografia Social no Quilombo Graúna

A Cartografia Social do Quipea – Quilombos no Projeto de Educação Ambiental foi desenvolvida a partir do interesse das comunidades em promover o automapeamento de seus territórios. Sua metodologia, portanto, é a da pesquisa-ação. A partir da perspectiva dos próprios quilombolas, o presente fascículo conta a história da comunidade, identifica seus territórios de ocupação tradicional e seus aspectos socioambientais, políticos e socioculturais, retratando as lutas atuais pela manutenção de seus modos de vida e pelo seu reconhecimento como quilombo.

Na comunidade quilombola de Graúna, as atividades da cartografia social foram realizadas em duas etapas. Na primeira, em 2019, a equipe visitou a comunidade para um primeiro reconhecimento do território. Em virtude da pandemia de covid-19, ocorrida a partir de março de 2020, as sucessivas etapas de campo precisaram ser adiadas.

Com a retomada dos encontros presenciais, foram realizadas duas atividades de campo na comunidade: a Oficina de Cartografia Social, ocorrida em 8 de outubro de 2022, e o Campo de Mapeamento, de 9 a 14 de outubro. A oficina realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Graúna, contou com a presença de 32 moradores de diversas gerações. Os participantes realizaram mapas mentais, apresentações dialogadas e localizaram em imagem de satélite pontos de destaque no território de uso e ocupação tradicional. Nos dias seguintes à oficina, foram colhidos os depoimentos por meio de entrevistas que aconteceram

tanto nas casas de moradores quanto em outros locais por eles escolhidos. Complementando o processo de mapeamento, procedeu-se à marcação, com uso de GPS, dos pontos considerados relevantes pela memória social do grupo.

Dentre os quilombolas que participaram do Campo de Mapeamento, destacaram-se: Aldenir da Silva Santos; Albertino Rangel; Alexandra Costa Santos Paulo; Antônio da Costa Rufino; Clemildo da Costa; Elivanis Paulo; Elza Ventura; Geovana Silva dos Anjos Oliveira; Heraldo Ventura da Silva; José Rosa Filho; Leandro Silva Fabiano; Leonor Ventura; Luzinete Leão da Silva; Maria da Silva Santos; Paulo César Souza Oliveira; Rodrigo Ventura Cordeiro; Rosivânia Fraga Peixoto; Sebastião Ventura da Silva; Silvana Cazotti Ambrózio da Silva; Vera Lúcia da Silva Rocha; Paulo Sérgio de Toledo Costa e Walter Leão. Importante cooperação também foi oferecida por Bruno Sobroza Duarte e Lucas da Silva Machado.

O apoio dado pelos representantes do Quipea e da Shell na comunidade foi igualmente importante, entre os quais: Tânia Marcia Hora Ferreira (educadora socioambiental); Elaine Souza (auxiliar de coordenação); Josias Silva dos Anjos de Oliveira (educador júnior); Eduarda de Oliveira (educadora de campo); Noelson Rodrigues (auxiliar de comunicação); Isabel Leoni (assessora de engajamento comunitário); Gabriele Roza Fabiano (titular da Comissão Articuladora) e Felipe da Silva Rufino (ilustrador quilombola).

## Equipe da Cartografia Social

### Coordenação

Deborah Bronz  
Eliane Cantarino O'Dwyer

### Assistente de coordenação

Márcia Malheiros

### Pesquisa e mapeamento

Erick Delgado Ribeiro  
Tânia Fernandes

### Cartografia e mapa

Pedro Aguiar Tinoco do Amaral  
Vinicius Ervatti Silva

### Mapeamento com GPS e apoio à edição do fascículo

Elivanis Paulo  
Josias Silva dos Anjos de Oliveira  
Charlene Gomes Leal

### Ilustrador quilombola

Felipe da Silva Rufino

### Projeto gráfico

Thiago Lacaz

### Assistente de design

Marina Duque Barreto

### Revisão

Rafael Abreu

## Equipe executora do Quipea



### Coordenação geral

Lílian Gonçalves

### Orientação pedagógico

Carlos Frederico Loureiro

### Coordenação pedagógica

Priscila Amaro

### Auxiliar de coordenação

Elaine Souza

### Educadora de campo

Eduarda de Oliveira

### Comunicadores sociais

Thiago Venturotti  
Carla Damasceno

### Auxiliar de comunicação

Noelson Rodrigues

### Educadoras socioambientais

Tânia Marcia Hora Ferreira  
Ana Carolina Martins

### Educador júnior

Josias Silva dos Anjos de Oliveira

## Equipe Shell

### Assessora de Performance Social

Suely Ortega

### Assessora de engajamento comunitário da Ambiental Engenharia e Consultoria a serviço da Shell

Isabel Leoni

## Associação Comunitária dos Quilombolas de Graúna

### Presidente em exercício (oficina e campo de mapeamento)

Leandro Silva Fabiano

### Presidente em exercício (finalização do fascículo)

Elivanis Paulo

## Participantes da Oficina de Cartografia Social

Alexandra C. Santos, Beatriz S. Rangel, Clemilson Costa, Diuliana Lima, Edson Rogério, Elivanis Paulo, Ermely Gomes Rocha, Felipe Costa Ventura, Felipe da Silva Rufino, Gabriele Roza Fabiano (titular da comissão articuladora), Gabrielle Teixeira, Giliardo de O. Francisco, Henrique Dias da Silva, José Evanildo, Josiane da R. Rangel, Larisse da Silva, Leandra Roza Fabiano, Luana da Silva Costa Teixeira, Magno Andrade, Maíza da Silva Rufino, Mayra Rangel de Souza, Nadir da Silva, Neide Oliveira, Valdeci Dias Da Silva, Vitor S. Conceição, Warley Costa Rangel

## Participantes do Campo de Mapeamento

Aldenir da Silva Santos, Alexandra Costa Santos Paulo, Antônio da Costa Rufino, Bruno Sobroza Duarte, Clemildo da Costa, Elivanis Paulo, Elza Ventura, Heraldo Ventura da Silva, José Rosa Filho, Leandro Silva Fabiano, Leonor Ventura, Lucas da Silva Machado, Luzinete Leão da Silva, Maria da Silva Santos, Rodrigo Ventura Cordeiro, Rosivânia Fraga Peixoto, Sebastião Ventura da Silva, Silvana Cazotti Ambrózio da Silva, Vera Lúcia da Silva Rocha

Os desenhos desta publicação foram feitos por um ilustrador quilombola. As fotografias foram produzidas por membros da comunidade, pela equipe da cartografia social e pela equipe executora do Quipea.



**Comunidades quilombolas**

- 1 Sobara
- 2 Maria Romana
- 3 Preto Forro
- 4 Botafogo
- 5 Maria Joaquina
- 6 Rasa
- 7 Baía Formosa
- 8 Mutum
- 9 Sítio Boa Vista
- 10 Bacurau
- 11 Sítio Santa Luzia
- 12 Machadinha
- 13 Batatal
- 14 Cambucá
- 15 Aleluia
- 16 Conceição do Imbé
- 17 Barrinha
- 18 Deserto Feliz
- 19 Cacimbinha
- 20 Boa Esperança
- 21 **Graúna**



A realização do Quipea é uma medida mitigadora exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Ibama.

